

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO**

Mônica Farias Pinheiro

LUGAR E MEMÓRIA: O VELHO E A IMAGEM DA CIDADE MANAUS- AM

Manaus/AM

2015

Mônica Farias Pinheiro

LUGAR E MEMÓRIA: O VELHO E A IMAGEM DA CIDADE MANAUS-AM

Dissertação de Mestrado do curso de Pós-Graduação em Geografia para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: "Amazônia: Território e Ambiente". Linha de pesquisa: Território, Espaço e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira

Manaus/AM

2015

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P654I Pinheiro, Mônica Farias
Lugar e memória: o velho e a imagem da cidade Manaus-AM /
Mônica Farias Pinheiro. 2015
81 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Amélia Regina Batista Nogueira
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Lugar. 2. Percepção. 3. Memória. 4. Velho. I. Nogueira, Amélia
Regina Batista II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Mônica Farias Pinheiro

LUGAR E MEMÓRIA: O VELHO E A IMAGEM DA CIDADE MANAUS-AM

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/ Mestrado em Geografia do Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas como parte dos requisitos necessários para obtenção de título de mestre em geografia.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Amélia Regina Batista Nogueira
Universidade Federal do Amazonas – PPG-GEOG

Prof. Dr. Isac dos Santos Sousa
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Profª Drª. Adorea Rebello da Cunha Albuquerque
Universidade Federal do Amazonas – PPG-GEOG

Manaus- AM
2015

DEDICÁTORIA

Aos meus pais, Raimundo Arkbal e Guiomar.

E ao meu irmão Ronaldo e a minha sobrinha Izabelly... Pelo amor, carinho e compreensão.

Com carinho especial ao Miguel Oliveira pelo companheirismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ajudar a chegar até aqui. Ao Miguel Oliveira que sempre me incentivou quando eu achei que não iria conseguir e acompanhou nos momentos mais difíceis.

Aos meus Familiares, a minha mãe, meu pai, meu irmão pelo suporte e a minha sobrinha que alegrava em todos os momentos.

A minha Orientadora Professora Amélia Regina pelos ensinamentos, que sempre acreditou em mim.

Às minhas amigas Thais Louíse Barreto e Valdelice Sousa. A Thais que sempre me acompanhou e dizia você consegue. A Valdelice que estava presente nos melhores e piores momentos, que entendia o que eu estava passando e que sempre dizia que não poderíamos desistir.

Aos colegas do Mestrado Edeilton Pereira, João Bosco e Sandra que sempre torceram por mim.

Ao Centro de Convivência do Idoso aparecida que me recebeu bem e me possibilitou desenvolver a pesquisa e aos entrevistados frequentadores do centro que disponibilizaram um pouco do seu tempo, sem eles eu não teria construído esse trabalho.

Ao Programa Capes, pelo suporte financeiro.

Resumo

A cidade como objeto de investigação possui a sua importância, sendo vista como um conjunto de percepções vividas e estabelecidas a partir de apreensões, valorações, decisões de comportamentos coletivos. Abordamos as categorias como lugar e percepção, através das lembranças passadas dos velhos que frequentam o Centro Estadual do Idoso – Aparecida. A pesquisa esta pautada na perspectiva fenomenológica, sendo utilizado um roteiro de entrevista, onde foi possível resgatar a cidade de Manaus através de da memória e percepção dos sujeitos, que foram vividas e experienciadas por quem fez dela o seu lugar. Desta forma aqui o lugar foi compreendido por quem vive nele. Embora a cada tempo a ressignificação com o lugar se dá as mudanças que marcam a passagem das fases da vida que são compostas pela infância, a adolescência, a idade adulta á do envelhecimento. Com esse estudo Construimos a cidade de Manaus através da memória e percepção do velho.

Palavras – chave: Lugar; percepção; Memória.

ABSTRACT

The city as a research object has its importance , being seen as a set of lived perceptions and established from seizures, valuations , collective behavior decisions. We cover categories such as place and perception, through past memories of old who attend the State of the Elderly Centre - Aparecida . The research is guided by the phenomenological perspective , being used an interview script , it was possible to rescue the city of Manaus through memory and perception of the subjects that were lived and experienced by those who made it their place . Thus here the place was understood by those who live in it. Although every time reframing with the place is given the changes that mark the passage of doing life that are made through childhood , adolescence , adulthood will of aging. With this study we build the city of Manaus through memory and perception of old.

Keywords : Place;perceptuon;Memory.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: FORTE DE SÃO JOSÉ DO RIO NEGRO.....	31
FIGURA 02: PLANTA (CROQUI) DA CIDADE DE MANÁOS.....	32
FIGURA 03: PLANTA MANÁOS.	33
FIGURA 04: PONTE FLORIANO PEIXOTO.....	44
FIGURA 05: PONTE DE MARECHAL DEODORO.....	44
FIGURA 06: PONTE BENJAMIM CONSTANT.....	45
FIGURA 07: A PONTE DOS BILHARES.....	46
FIGURA 08: VISTA AERA DA CIDADE FLUTUANTE EM MANAUS.....	47
FIGURA 09: CASO DOS ÓLEOS NA AV. JOAQUIM NABUCO.....	49
FIGURA 10: BONDE NA AVENIDA SETE DE SETEMBRO.....	50
FIGURA 11: ÔNIBUS ZEPILIM.....	52
FIGURA 12: IGREJA DA MATRIZ.....	53
FIGURA13: PRAÇA HELIODORO BALBI	54
FIGURA 14: B PRAÇA 5 DE SETEMBRO.....	56
FIGURA 15: LARGO SÃO SEBASTIÃO	57
FIGURA 16: ATLÉTICO RIO NEGRO CLUBE.	58
FIGURA 17: CINEMAS DE MANAUS.....	59
FIGURA 18: TEATRO AMAZONAS.	60
FIGURA 19: CASO DELMO.....	61
FIGURA 20 : MATADOURO DO BAIRRO DA GLÓRIA.	64
FIGURA 21: AS CATRAIAS DO SÃO RAIMUNDO.	65
FIGURA 22: AEROPORTO PONTA PELADA.	65
FIGURA 23: AEROPORTO PONTA PELADA (AERÔDROMO)	66
FIGURA 24: BALNEÁRIO DO PARQUE 10.....	67

FIGURA 25: PONTE DA BOLÍVIA.	68
FIGURA 26: A CACHOEIRA DO TARUMÃ.	69
FIGURA 27: PRAIA DA PONTA NEGRA.....	70
FIGURA 28: PRAIA DA PONTA NEGRA.....	72
FIGURA 29: ZONA FRANCA DE MANAUS	72

SÚMARIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: ABORDAGENS DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA E CULTURAL: A PRODUÇÃO DOS LUGARES	15
1.1 A GEOGRAFIA CULTURAL E HUMANISTA.....	16
1.2 GEOGRAFIA HUMANÍSTICA E CULTURAL: VERTENTE FENOMENOLÓGICA.....	20
1.2.1 ESPAÇO, LUGAR E PAISAGEM COMO FRUTO DA PERCEPÇÃO....	23
1.2.2 ESPAÇO E LUGAR: O VELHO E A CIDADE.....	27
CAPÍTULO 2: PERCEPÇÃO E MEMÓRIA DA CIDADE DO VELHO	29
2.1 PERCEPÇÃO E CIDADE.....	29
2.2 MANAUS E MEMÓRIA	30
2.3 PERCEPÇÃO DO VELHO E A CIDADE.....	35
2.4 MEMORIA DO VELHO.....	36
CAPÍTULO 3: A CIDADE DA MEMÓRIA E SUAS REPRESENTAÇÕES	40
3.1 A CIDADE DE MANAUS ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DO VELHO.....	40
3.2 A CIDADE DE MANAUS PERCEBIDA PELOS VELHOS.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	78
ANEXO – A	81

INTRODUÇÃO

Pensar a cidade, procurar compreender como esta se construiu, pensar como modelo de planejá-la, tem sido preocupação da ciência Geográfica. Porém este pensar tem levado em conta quase sempre os olhares dos planejadores, técnicos que analisam a cidade, neste sentido muitos projetos estão distantes dos “projetos” de quem viveu e vive a cidade. É necessário ver a cidade tomando como referência as várias imagens que se tem dela.

Nas lembranças de homens e mulheres, não é somente o tempo que vacila, são os lugares, o espaço, os acontecimentos, alguns fortes, como mudanças inesperadas, que causam alterações nas relações com o lugar (Rocha, 2005, p.31). Somente quem a experiência por meio de um contato direto e contínuo pode alcançar melhor compreensão. Pode – se considerar a percepção de quem vive no lugar como uma informação de grande importância no estudo da interação entre o homem e a cidade, pois é inegável que há uma profunda diferença entre um cenário descrito e estudado e um cenário experienciado e vivido. É a familiaridade em relação a tudo o que existe na paisagem que lhe confere um significado especial; onde os habitantes vivem, se movimentam e se relacionam entre si com a cidade.

Desta forma a cidade aqui foi compreendida como lugar de vida, sendo assim contém memória de quem a construiu, viveu e vive. Analisamos as descrições sobre a cidade no ponto de vista do velho, entendendo que este vive a cidade do hoje estabelecendo um vínculo com as suas lembranças passadas. Tivemos como objetivo geral: Compreender a cidade através da memória e percepção do velho que frequenta o Centro Estadual do Idoso – Aparecida. Nossos objetivos específicos foram Construir o perfil socioeconômico do velho; Identificar através da percepção e narrativa dos velhos a ideia de cidade construída por estes; Representar a cidade através da memória e Mapas Mentais dos velhos.

Os sujeitos que participaram da pesquisa estão matriculados nas atividades desenvolvidas no Centro Estadual de Convivência do Idoso – aparecida. O Governo do Estado do Amazonas inaugurou, em 29 de agosto de 2008, o Centro Estadual de Convivência do Idoso, atendendo a reivindicação

de atores sociais e idosos. O Centro está sob a administração da Secretaria de Estado de Assistência Social, através da gestão compartilhada entre as Secretaria de Estado de Cultura, Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer – SEJEL, Centro Educacional e Tecnológico do Amazonas – CETAM, Secretaria de Estado de Saúde – SUSAM e a Universidade Aberta da Terceira Idade –Unati/ UEA. O centro desenvolve algumas atividades voltadas para os velhos como : Dança, Teatro e Coral e de entretenimento na área cultural visando oportunizar ao idoso, integração social e melhoria da sua qualidade de vida. Propiciando melhoria na qualidade de vida e aumento na auto-estima dos idosos através dos cursos e entretenimento, por meio de atividades artístico-culturais realizadas semanalmente: Quinta Cultural, Sexta Dançantes e nos finais de semanas espetáculos de Dança e Teatro.

Os procedimentos metodológicos tomaram o seguinte caminho: fizemos o levantamento bibliográfico, que buscamos leituras voltadas para Geografia Humanística e Cultural, Percepção, Memória, Fenomenologia e estudos votados para velhice.

Os velhos que participaram da pesquisa estão matriculados nas atividades do Centro de Convivência do Idoso Aparecida, localizado na rua Wilkens de Mattos s/n, no Bairro da Aparecida. Entrevistamos 40 (quarenta) velhos, onde dividimos as entrevistas entre homens e mulheres, ou seja, foram entrevistados 20(vinte) mulheres e 20 (vinte) homens.

O foco principal da pesquisa esteve no aprofundamento da compreensão do indivíduo no espaço estudado por meio de entrevistas, roteiro e análise pelos os autores envolvidos. Que nos possibilitou a construção da história da cidade através das narrativas dos velhos.

A pesquisa segue a perspectiva fenomenológica como abordagem teórica e metodológica que sustenta a perspectiva da Geografia Humanística e Cultural.

O trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro Capítulo utilizamos abordagens da Geografia Humanista e Cultural, seguimos para fenomenologia como aporte nessa perspectiva de estudo e apresentamos o espaço e lugar como fruto da percepção relacionados nessa linha de pensamento.

No segundo Capítulo fizemos algumas abordagens sobre percepção e cidade, apresentamos um breve histórico sobre a cidade de Manaus e a Percepção do Velho e a cidade.

No terceiro capítulo apresentamos os resultados, construímos o perfil socioeconômico do velho e construímos História da cidade através da memória dos velhos.

O trabalho trouxe como foco a História da cidade de Manaus não do ponto de vista oficial e sim a história contada pelos velhos, sendo este o espaço percebido, concebido e vivenciado por eles, portanto, internalizado através de suas narrativas. Levamos em consideração a cidade da vida cotidiana dentro do ambiente urbano, onde são atrelados os conceitos de cidades a origem de suas raízes. Desta forma procuramos construir a História da cidade de Manaus contada pelos Velhos, através do seu cotidiano, suas vivências e experiências.

CAPÍTULO 1

ABORDAGENS DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA E CULTURAL: A PRODUÇÃO DOS LUGARES.

O estudo da cidade é por tradição uma preocupação da ciência geográfica. Esta ciência ao estudar os lugares não pode deixar de ver que estes ao longo da história foram tendo suas paisagens modificadas pelos homens que o habitam. O processo de urbanização dos lugares deu a estes uma paisagem que demonstra a presença humana. Onde ficaram materializadas as formas que indicam a história do lugar. Uma história que transformou pequenos lugares em grandes lugares, com grandes monumentos, com grandes contingentes populacionais que se espalham por toda parte e que individualmente ou coletivamente produzem esses lugares, essas cidades. Valorizar a memória é resgatar uma história que foi construída por quem participou dela, onde a partir da consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos o ontem de hoje, e confirmamos que já se viveu um passado, logo, a memória impregna a vida (Lowenthal, 1996, p06).

Nogueira (1995, p.20) nos coloca que para cada homem, ou até para cada grupo, existe uma imagem diferente do espaço, e esta imagem não é fantasia, sendo assim aprendida a partir do que o indivíduo percebe do mundo que o rodeia, a partir de sua experiência de vida, o espaço vivido, que é também concreto, pois é analisado por homens concretos, sujeitos inseridos no tempo e no espaço, sujeitos histórico-espaciais. Assim, é importante valorizar a memória da cidade que o idoso carrega, pois este fala da cidade como era e de como ficou registrada por quem a experienciou. Os fatos guardados na memória e narrados expressam momentos mais significativos dos lugares. Neste contexto, a cidade que procuramos destacar é aquela pensada pelo idoso, pois este guarda na memória a imagem de cidade do passado. Que cidade foi essa? Quais as paisagens construídas na memória por esses sujeitos? Como ele se relaciona com ela? Sua identidade com a cidade ainda é reforçada pela memória ou ele busca nas novas paisagens uma identificação?

Neste sentido a Geografia Cultural e Humanística põe frente a esse debate quando procuramos compreender os lugares, os estudos das paisagens. Neste capítulo utilizamos a abordagens da Geografia Humanista e Cultural, na perspectiva da fenomenologia e apresentamos o espaço e lugar como fruto da percepção relacionados nessa linha de pensamento.

1.3 A GEOGRAFIA CULTURAL E HUMANISTA

O presente estudo buscou, a partir da Geografia Cultural e Humanística, as relações espaciais simbólicas impressas pelos valores e sentimentos que o idoso possui com a cidade, redirecionando a abordagem do espaço em direção ao conceito de espaço vivido. A Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição Humana. Desse modo, não é uma ciência da terra em seu objetivo final. Ela se entrosa com as Humanidades e Ciências Sociais no sentido de que todas compartilham a esperança de prover uma visão precisa do mundo humano. Qual é a natureza do mundo humano? As Humanidades ganham maior esclarecimento desta natureza por se focalizarem sobre o que o homem faz supremamente bem nas artes e no pensamento lógico. As Ciências Sociais adquirem conhecimento do mundo humano pelo exame das instituições sociais, as quais podem ser vistas tanto como exemplos da criatividade humana e como forças limitadoras da atividade livre dos indivíduos.

A Geografia Humanista no Brasil surge na década de 50, mas só é reconhecida e consolidada a partir da década de 70 e 80. Onde sofreu influência da Geografia Cultural a Anglo – saxônica.

Segundo Holzer (1992,p.50), é impossível falar na Geografia Cultural sem citar Carl Sauer ou a escola de “Berkeley”. Por sua vez é difícil falar de geografia Humanista sem nos reportamos, em algum momento a Geografia Cultural. Seus temas favoritos estão constantemente entrelaçados e tem muitos aspectos em comum.

Assim, seus temas como: a valorização da relação do homem com a paisagem, que por ele é formatada e transformada em habitat; a análise desta

relação sempre é feita a partir da comparação com outras paisagens que individualiza a Geografia enquanto disciplina. Esses temas iam se desdobrando, abrindo diversas áreas de pesquisa para Geografia Cultural. A Geografia Humanista baseia-se nestes mesmos temas; o que a deferência é a valorização do mundo vivido e da intencionalidade humana como fator de modificação e de ligação afetiva com o habitat. Por outro lado a Geografia Humanista é sua insistência em afirmar que a Geografia está além da ciência. (HOLZER, 1992, p. 55).

Holzer (1992 p. 62) chama atenção para as duas Geografias que existem com temas comuns ou complementares, entre a Geografia Cultural saueriana e a Geografia Humanista. Em que identifica um ponto divergente entre as duas Geografias, com uma diferença fundamental, trata-se do destaque dado pela cultura ao caráter coletivo da cultura, e, portanto das percepções e da vivências. (HOLZER, 1992).

Segundo Holzer (1992, p. 65), no início dos anos 70 existiam geógrafos culturais e históricos empenhados na renovação da disciplina há mais de uma década. Eles haviam escolhido um enfoque centrado na subjetividade das ações humanas como campo de pesquisa. Sob este enfoque foi descoberto uma base teórica conceitual fenomenológica e existencialista, que tinha o “lugar” como conceito primordial. Este aporte filosófico surgiu para alguns deles como oportunidade de identificação de um subcampo, ou campo próprio, que denominaram geografia Humanística.

Os meados da década de 70 foram caracterizados pelos esforços isolados, como os de Tuam (1976,1983) e Buttmer (1976) para estabelecer uma epistemologia uma metodologia que dessem identidade a geografia humanista. Desta forma surge na década de 70 à época mais rica para a produção da Geografia Humanista. Onde seus autores, no início ainda isoladamente, conseguiram ter repercussão na mídia especializada. A partir da década de 80 seria marcada por um refluxo crescente no movimento humanista.

A Geografia Humanística enfatiza o mundo vivido e a internacionalidade humana como fator de modificação e ligação com o Hábitat. (Holzer, 1999). Segundo Bailly (1995 *apud*, Holzer, 1999 p.156-7), quando evidencia as palavras de Chistinger, diz que para cada indivíduo, o universo se compõe dele

mesmo, de um domínio que lhe é inicialmente estranho, mas que ele procura dominar fisicamente e intelectualmente baseado nos conceitos de Ser/estar e conhecer-se, os quais estão indissoluvelmente ligados.

Segundo Holzer (1992, p.70), a Geografia Humanística é construída sobre o conhecimento científico de modo crítico, o geógrafo humanista deve estar preparado para procurar na filosofia um ponto de vista unificado que permita a avaliação de toda a extensa gama de fenômenos humanos.

A Geografia Humanística segundo Yi-Fu Tuan, procura um entendimento do mundo humano através do estudo; das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito. Este autor tenta especificamente entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana. (Yi-Fu Tuan 1976 p.66).

Ainda neste contexto, Oliveira (2008, p36), afirma que o essencial para a humanística é descobrir sob o fato espacial o grupo social, as raízes do comportamento no mundo, propondo uma observação sistemática do papel do simbolismo cultural. O objetivo é perceber como o fato espacial era primitivamente conhecido e vivido e chegar às questões de sentido e de intenção. O objetivo é encontrar o homem esquecido pelas ciências

Fremont (*apud*, Nogueira, 2001) destaca o vivido e toda a carga geográfica e conceitual que permeia esta concepção. Este conceito sintetiza as relações muito complexas dos homens e seu espaço de vida, materiais, mas também ecológicos e psicológicos. Este integra o próprio olhar dos geógrafos sobre as sociedades e as regiões que eles estudam, o qual (o olhar/ o geógrafo) nunca é verdadeiramente neutro. O espaço vivido é também o espaço dos geógrafos. Por outro lado à geografia pode aparecer assim como um jogo complexo de espelhos onde os homens enviam sua própria imagem e a imagem dos outros, do espaço onde eles vivem, para eles mesmos e inversamente, mais também aos geógrafos que os olham reciprocamente. Neste sentido a geografia humanista apresenta-se com alternativa palpável a tal intento, realçando o sentimento ao pensamento na realização do conhecimento.

Desta forma, a geografia Humanística ocupa desde o seu nascimento um lugar importante nas realidades culturais, mas capta numa ótica

reducionista: a ênfase é colocada sobre as técnicas, os utensílios e as transformações das paisagens. A difusão é o único aspecto abordado da transmissão de culturas. (CLAVAL, 2007, p.40).

Através das abordagens que a da Geografia Cultural desempenhou, na história do pensamento geográfico, um significativo papel, oferecendo uma contribuição particular para a compreensão da ação humana sobre a superfície terrestre. (Corrêa, 2001, p.12).

A Geografia cultural seguiu as etapas de seu desenvolvimento, onde dificuldades foram encontradas e foram superadas. Nesta perspectiva a abordagem cultural se impôs à Geografia humana há cerca de trinta anos. Isto não significa dizer que os fatos da cultura tenham, até então, deixado os geógrafos indiferentes, pois ocupam um lugar essencial desde o nascimento da geografia humana. (Claval,2001, p.50).

Não podemos deixar de citar que o conceito de cultura para Sauer é influenciado pela antropologia de Kroeber que a define como “modo de vida”. (Corrêa, 2001, p.10).

Nas abordagens de Claval a cultura é a soma dos comportamentos dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante ao longo de sua vida, ou seja, pelo conjunto dos grupos que fazem parte. A cultura é uma herança transmitida de uma geração a outra. Sendo assim a cultura é indispensável no plano de sua existência material. Dá uma significação à sua existência e à dos seres que o circundam e formam a sociedade da qual se sente membro. Ela não desempenha o mesmo papel nos diversos momentos da vida. (Claval, 2007,p.11).

O que se pode ver através da Geografia Cultural, como todas as subdivisões da geografia, deve estar “ligada a terra”. Os aspectos da terra, em particular aqueles produzidos ou modificados pela ação humana, são de grande significado.

Neste sentido, a Geografia Cultural para Claval (1997 p.36) esta associada à experiência que os homens têm da terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder as suas necessidades, seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como eles aprendem a se definir a construir sua identidade e a se realizar.

A Geografia Cultural segundo Holzer (1999, p.40) se refere ao caráter coletivo da cultura e por extensão, das percepções e das vivências. A geografia Cultural manteve vivo, durante a maré analítica na Geografia, o culturalismo, o antropocentrismo e principalmente o respeito pela diversidade dos temas.

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica.(Clava,1997,p.19).

Segundo Oliveira (2008, 27), A Geografia cultural vem ampliando nos últimos anos seus campos de estudo e principalmente seus métodos de leitura do espaço, proporcionando aos geógrafos a aplicação de conceitos geográficos como paisagem, território, territorialidade, lugar, entre outros, a estudos empíricos conceitualmente renovados, valorizando uma visão cultural do espaço. Como nos indica Corrêa (1999, p.54-55), a “heterogeneidade cultural brasileira não pode deixar de ser contemplada pela renovação da Geografia Cultural”. O mesmo autor sugere temas a serem estudados, com os quais identifica-se esta pesquisa, a saber: (a) o caráter simbólico dos prédios, monumentos, praças, ruas, bairros, cidades, regiões ou montanha, vale, rio ou área florestal, entre outros, para os diversos grupos sociais, étnicos, religiosos, etc; (b) as diversas manifestações religiosas em sua dimensão espacial , como se exemplifica com as peregrinações às cidades santuários, definindo espaços sagrado e profano; e (c) a cultura popular em suas múltiplas manifestações e sua variação espacial.

A Geografia Cultural e Humanista nos dá suporte para o desenvolvimento dessa pesquisa. Com base em suas abordagens trabalhamos com os conceitos chave espaço e lugar.

1.4 GEOGRAFIA HUMANÍSTICA E CULTURAL: VERTENTE FENOMENOLÓGICA

Como abordagem teórica e metodológica que sustenta a perspectiva da Geografia Cultural e Humanística tem-se como fundamento a perspectiva fenomenológica.

A Fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resume-se em definir essências, como a essência da percepção, a essência da consciência. Onde seus interesses não é o mundo que existimos, mas como o seu conhecimento se desenvolve para cada ser humano (MERLEAU PONTY,2011,p 01)

Conforme Merleau Ponty, (2011, p.1) a fenomenologia é também uma filosofia que propõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira se não a partir de sua “facticidade”. É um relato do espaço, de tempo e do mundo “vivido”. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência de tal como ela é.

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência de mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido. (Merleau Ponty, 2011, p03).

Conforme essas ideias alguns geógrafos passam a utilizar em seus trabalhos a perspectiva fenomenológica, que auxiliam na compreensão da interação com o homem e a natureza. Na Geografia a fenomenologia a princípio foi à visão de mundo que melhor se aproximam da tendência humanístico cultural. Essa abordagem humanística na proposta fenomenológica se estrutura a partir da década de 1960 e solidifica o corpo cognitivo na década de 1970, fundamentada ainda na percepção. Como a Geografia é a ciência que sempre teve interesse em analisar o mundo, articula - se o mundo vivido discutido pelo filósofo com os lugares vividos e percebidos dos geógrafos.

Nogueira diz a partir que a fenomenologia além de fazer uma minuciosa descrição dos fenômenos pesquisados, busca estudar o mundo vivido, valorizando todas as experiências concretas do homem com este mundo. (...) prioriza, portanto, o ser no mundo. (Nogueira, 2001, p.23)

Nas abordagens de Relph (1979, p.23) a fenomenologia tem a ver com princípios, com as origens do significado e da experiência concreta do homem e encontra nestas experiências uma orientação que não as limite a uma simples sucessão. Ela não se atém a estudar as experiências do conhecimento, ou da vida, tais como se apresentam na história. Sua tarefa é de

analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como se produz o sentido dos fenômenos.

A realidade que esta composta há tudo que oferece o olhar do observador e a interpretação do observado, de seus valores de sua forma de entender a realidade que é resultante de certa intencionalidade da consciência ao direcionar os objetos a serem investigados.

Buttimer (*apud*, CHRISTOFOLETTI, 1985) nos forneceu uma ponte entre a Geografia e a Fenomenologia. Segundo a autora, a fenomenologia vê cada pessoa como tendo um “lugar natural” considerado como ponto inicial de seu sistema de referências pessoais. “Este lugar “lugar natural” é definido pela “associação de espaços circundantes”, uma série de lugares que se fundem em” regiões significativas”.

Na perspectiva da geografia humanística e cultural muitos geógrafos buscam a melhor compreensão de pensar a partir da percepção as relações que o homem possui com o espaço geográfico.

Através da perspectiva fenomenológica de Dardel (1952, p.20), que a ciência geográfica pressupõe um mundo que pode ser entendido geograficamente e, também, que o homem possa sentir e conhecer a si como sendo ligada a terra. Desta forma o autor se refere à realidade que esta composta há tudo que oferece ao olhar do observador e a interpretação do observado, de seus valores de sua forma de entender a realidade que é resultante de certa intencionalidade da consciência ao direcionar os objetos a serem investigados.

O estudo da fenomenologia na Geografia apresenta-se como uma alternativa para aqueles que pretendem percorrer novos caminhos em busca do conhecimento geográfico. cremos que a análise e a interpretação do espaço vivido a partir da fenomenologia transforma o cidadão em um ser crítico, ao analisar a realidade na qual está inserido.

Conforme Buttimer (*apud*, CHRISTOFOLETTI, 1985) a fenomenologia desafia cada individuo a examinar sua própria experiência. Desta forma a perspectiva fenomenológica da geografia deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, onde o físico / humano são elementos percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos.

O conhecimento para a fenomenologia é derivado da prática humana, a percepção do real é intersubjetiva e histórica, não existindo a possibilidade de a racionalidade perceber esse real de forma absoluta, a não ser mediatizado sempre pela cultura. De acordo com Buttmer o princípio da intersubjetividade é um dos princípios da fenomenologia que pode ajudar o geógrafo num dialogo entre a pessoa e o meio. Sugere a situação herdada que circunda a vida diária. (Buttmer, *apud*, CHRISTOFOLETTI, 1985, p.9).

Segundo Oliveira (2008, p. 61), é três as aquisições epistemológicas que decorrem da fenomenologia na Geografia: primeira à tomada em conta de um mundo pátrio e valorizado segundo o engajamento humano sobre a Terra; segundo a recusa da objetivação sistemática dos fatos geográficos; terceira o recurso ao imaginário e a intencionalidade do sujeito na abordagem dos fenômenos geográficos. Alguns problemas dessa corrente são certos apagamentos das estruturas sociais (uma exacerbação do individuo, por vezes exagerada) e uma certa confusão entre fatos e imagens.

Nossas intenções foram mostrar a importância da fenomenologia na perspectiva da Geografia Humanística e cultural. Essa discussão nos deu suporte para compreender a percepção que o velho possui da cidade.

1.4.1 Espaço, lugar e paisagem como fruto da percepção.

Através da Geografia Cultural e Humanística, em sua vertente fenomenológica, podemos compreender através da percepção do Velho as relações espaciais simbólicas impressas pelos valores, sentimentos e lembranças, com o lugar. Investigamos a visão que o velho possui da cidade, vivenciada por ele. A sua percepção que foi adquirida ao longo da sua existência através de sua vida cotidiana dentro do ambiente urbano, onde estão atrelados a sua relação com a cidade, ou seja, a origem de suas raízes.

O lugar é onde atribuímos características afetivas, no qual compartilhamos emoções conferidas ao espaço. O lugar é concebido pelos valores e sensações atribuídos a determinada localidade. As interpretações do lugar são caracterizadas por símbolos sociais unificados pelo comportamento

social. Na Geografia o lugar em seu significado geral é uma parte ou porção do espaço terrestre, que são constituídos por diversos lugares diferentes.

Na percepção do espaço urbano, a construção formada pelas vivências e experiências de cada um confirma a natureza singular da percepção, embora coexistindo com algumas tendências que favorecem a identificação de orientações comuns que soem encaminhar o processo perceptivo. (BAUZER, *apud*, RIO 1989, p.13).

É preciso esclarecer que enquanto a percepção e o conhecimento dos objetivos implicam um contato direto e atual (imediato) com os mesmos, baseia-se em evocar os objetos em sua ausência, duplicando a percepção em sua presença. De certa maneira, a representação prolonga a percepção ao introduzir um elemento novo, que é irreduzível: um sistema de significações que comporta diferenciação entre o significante e o significado. Isto não quer dizer que a percepção não apresente significações, porém os significantes perceptivos não passam de índices, inerentes ao esquema sensório-motor que lhe serve de significado, ao passo que a significação representativa consiste em uma diferenciação nítida entre os significantes, que podem ser signos (as varias formas de linguagem) ou símbolos (as imagens, os gestos, os desenhos etc.) e os significados, que na representação espacial constituem as transformações dos espaços ou estados espaciais. Deste modo, a passagem da percepção para a representação espacial apóia-se tanto sobre o significante como o significado, ou melhor, sobre a imagem e sobre o pensamento. (RIO, 1989, p.21).

As relações do homem com o espaço combinam-se numa experiência vivida que de acordo com as idades da vida se desfaz. A percepção que cada ser humano tem de um lugar, ainda que haja muitos pontos em comum com a de outras pessoas, é sempre única, particular. Isso porque a percepção de cada indivíduo é moldada por sua história de vida, pelo seu tipo de interesse que possui em relação às pessoas, aos objetos e aos lugares.

Segundo Holzer (1999, p.46) os lugares possuem uma identidade que pode ser resumida em três componentes inter-relacionados: traços físicos, atividades e funções observáveis, e significados ou símbolos. Afirma o autor que através desse três significados podemos distinguir o sentido do lugar, que é resultado das experiências que se forma o lugar.

O espaço vivido aborda a cultura como essencial para entendimento das diferenças entre os indivíduos baseando-se na fenomenologia, levando em consideração a subjetividade de cada ser ou grupo social.

Santos (*apud*, CHRISTOFOLETTI, 1985, p.12), afirma que a percepção visual é um processo mental, não sendo apenas um componente secundário dos processos cognitivos. As imagens que são produzidas pela percepção visual tem uma evolução própria, porém, ao mesmo tempo, interdependentes dos demais processos cognitivos em um meio natural e em um meio cultural determinado.

A relação do velho com o espaço tem a sua importância voltada para a vivência do mesmo e seus valores adquiridos. A ideia de espaço deve-se ao valor que dotamos a ele. As interpretações que privilegiam a relação "ser-no-mundo," onde o mundo, interpretado como a categoria "lugar" pela Geografia é resultado da relação existencial entre o homem e o seu lugar (NOGUEIRA, 2002).

O velho vivencia o mundo a partir das ações que presenciou e presencia a sua volta. O espaço relatado pelo velho que carrega na sua memória a vivência de diversas maneiras o lugar. O espaço vivido é experienciado por quem o habita, o lugar pode ser percebido por sua forma, seu cheiro, seu barulho. Desta forma a pesquisa partiu da experiência de quem habita no lugar através da experiência adquirida no cotidiano, apreendida pela percepção.

O lugar é onde atribuímos uma característica afetiva, no qual compartilhamos emoções conferidas ao espaço. O lugar é concebido pelos valores e sensações atribuídos a determinada localidade. As interpretações do lugar são caracterizadas por símbolos sociais unificados pelo comportamento social.

O lugar aqui é compreendido como aquele que é produzido ao longo da sua vida, como o lugar da residência, do trabalho, das relações com a vizinhança, os lugares do lazer.

Essa abordagem na Geografia que sustenta na Geografia Cultural e Humanística. Os pressupostos que definem e retomam o conceito de lugar na Geografia, não mais como localização, mas como lugar de vida, que tem cheiro, barulho, cor que é constituído e percebido a partir de experiências

individuais. O lugar do Cotidiano construído também em relações afetivas e simbólicas (NOGUEIRA,2002).

Neste contexto, afirma Holzer (2011, p.39) o lugar seria um modo particular de relacionar as diversas experiências do espaço. Particular porque os lugares são singularizados ao atrair e ao concentrar nossas intenções, ou seja, o significado do espaço, especialmente do espaço vivido, provém dos lugares existenciais de nossa experiência imediata (Relph, 1976 p.12).

Nesse sentido cada lugar é particular. O lugar, é melhor compreendido quando é descrito por quem vive nele. Por quem o experiência. Afirma Nogueira: Esse lugar também é fruto da percepção que se tem dele, cada ser tem imagens diferentes de cada lugar. O entendimento sobre a percepção do lugar vem sendo debatido na Geografia desde a década de 50, quando se amplia uma Geografia da Percepção. A Geografia da Percepção procura entender o comportamento das pessoas diante do lugar, como elas agem e agiriam diante dele. (NOGUEIRA, 2002).

Segundo Holzer, o lugar, no entanto, não pode ser confundido com a paisagem. Na experiência do lugar existe a sensação comum de familiaridade, enquanto que na experiência da paisagem somos observadores, pessoas que estão fora de cena. Nesse sentido o papel do tempo ligado à experiência continuada, é fundamental para caracterização do lugar.

Desta forma a paisagem aparece na maneira que o geógrafos tem, geralmente, abordado os problemas culturais, eles eram sensíveis à diversidade dos parcelamentos e das formas construídas, aos sistemas agrários, às arquiteturas e, em outros domínios, aos artefatos e aos costumes. A ideia se expandiu, então, algumas vezes, foi a de que as formas visíveis revelavam tudo sobre a cultura dos grupos: isto é inexato, como demonstram os parágrafos precedentes, o que não priva as paisagens de interesse e de pertinência. (CLAVAL, p.40, 2007).

A paisagem geográfica, estudada enquanto conjunto de formas criadas pela ação humana sobre a natureza é o objeto principal da geografia. Sua Gênese, estrutura, função, forma e ocorrência espacial devem ser descritas e compreendidas articuladamente. (CORRÊA, 2001, p.39).

O espaço construído é considerado e, além dele, a paisagem. Esta uma categoria espacial multifaceada, que deve ser considerada em seu conjunto,

uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna , uma impressão, que une todos os elementos” (DARDEL :1990, p.41). A paisagem colocaria em questão a totalidade do ser humano , suas ligações existenciais com a terra, ou com sua Geograficidade total . (HOLZER,2001, p.33).

Segundo Holzer (1992, p.46) A paisagem pode ser entendida como uma ponte entre a Geografia Cultural e Humanista, pois ao criticar o modo superorgânico de ver a cultura, Duncan propõe uma construção ativa do individuo como modificador do meio este tema certamente pode ser considerado de interesse para a Geografia Humanista.

1.3.2 Espaço e Lugar: O Velho e a cidade

A cidade como espaço de investigação possui a sua importância, sendo compreendida como um conjunto de percepções vividas e estabelecidas a partir de apreensões, valorações, decisões e comportamentos coletivos. Com isso, a cidade é uma construção mental que a partir de uma visão seletiva da realidade, congrega elementos de forma intersubjetiva, criando um código próprio que norteia as decisões e os comportamentos. Os elementos são oriundos de uma realidade objetiva, porém os critérios que os unem, ou selecionam, são estabelecidos em uma base comum de subjetividade. Há diferenças individuais nessa escolha e interpretação da realidade, mas que estão em sua maior parte, submetidas a uma subjetividade que ultrapassa o pessoal e encontra coerência e força no coletivo. Dessa forma, a cultura é a chave necessária para interpretar esse espaço intersubjetivo. Machado afirma que (1999, p.99) somente quem a experiência por meio de um contato direto e contínuo pode alcançar melhor compreensão. Pode-se considerar a percepção de quem vive no lugar como uma informação de grande importância no estudo da interação entre o homem e a cidade, pois é inegável que há uma profunda diferença entre um cenário descrito e estudado e um cenário experienciado e vivido. É a familiaridade em relação a tudo o que existe na paisagem que lhe confere um significado especial; onde os habitantes vivem se movimentam e se relacionam entre si com a cidade.

Contudo, o espaço para a velhice é normalmente vivido como um recuo, há etapas que reconstituem em sentido inverso as conquistas infantis do lugar, que sofre mudanças psicológicas profundas, onde ocorrem várias rupturas, que marcam a passagem da idade adulta à do envelhecimento.

Na velhice as preocupações mudam quando o tempo que resta para viver diminui. É mais difícil a aplicação em projetos de longo prazo: não se poderá desenvolvê-los totalmente, outros deverão retomá-los. Antes mesmo que a participação na vida ativa termine, muda o espírito a qual é conduzida. Os consumos culturais, com seu caráter um pouco passivo, substituem frequentemente os comportamentos criativos. (Claval, 2007, p.92).

Particularmente, a aposentadoria, a diminuição das aptidões físicas, a da sociabilidade e das qualidades de adaptação, a morte cada vez mais frequente leva a muitos a diminuir a sua circulação pela cidade, esta aos poucos vai tornando-se desconhecida, distante.

Segundo Yi-Fu Tuan(2012, p.90) o mundo percebido se recolhe com o declínio, tanto visão quanto audição. A diminuição da mobilidade restringe ainda mais o mundo do velho, não somente no obvio sentido geográfico, mas também pelo fato dos encontro dos háptico – somáticos com o ambiente(escalar montanhas, correr, caminhar) tornam-se menos frequentes.

O velho tem na cidade, na memória, uma cidade do “ontem”, a que foi construída e experienciada por ele. Todas estas rupturas afetam o espaço vivido. A memória por mais que diminua o idoso guarda recordações da juventude, duplicam o espaço de vida por meio de um espaço mental dos lugares da infância e da adolescência. O passado vivido substitui o presente.

Para os velhos o mundo se contrai não apenas porque seus sentidos perdem acuidade, mas porque o futuro esta truncado:à medida que o futuro diminui, também diminui o espaço horizontal e o velho pode chegar a se envolver emocionalmente com acontecimentos objetos próximos, de uma maneira que é reminescente do mundo da criança.(Yi Fu Tuan,2012,p.90)

O espaço para a velhice é normalmente vivido como um recuo há etapas que reconstituem em sentido inverso as conquistas infantis do lugar, que sofre mudanças psicológicas profundas, onde ocorrem várias rupturas, que marcam a passagem da idade adulta à do envelhecimento.

CAPÍTULO 2:

PERCEPÇÃO E MEMÓRIA DA CIDADE DO VELHO

Ao decidir estudar a cidade de Manaus através da memória e percepção dos velhos buscamos contar a História da cidade não de um ponto de vista da História oficial, e sim do ponto de vista de quem habitou e habita o lugar através de suas experiências e vivências com a cidade.

A cidade de Manaus foi descrita no trabalho através da memória e percepção do velho, que nos mostrou através de suas narrativas as suas lembranças do seu passado vivido e percebido.

O velho percebe a cidade através do seu passado vivido na infância pelos lugares que frequentava com os seus pais, depois vem à adolescência quando começa a circular mais pela cidade e a sua percepção aumenta, já que passa a frequentar lugares diferentes, na fase adulta surgem outros lugares, alguns continuam frequentando os mesmos lugares de antes e outros começam a frequentar lugares diferentes.

Muitas são as lembranças guardadas na memória dos entrevistados. Onde cada um constrói a sua visão de mundo, conforme as suas experiências cotidianas, a sua interação e relação com os lugares vividos ao longo de sua trajetória na cidade.

2.1 PERCEPÇÃO E CIDADE

É importante valorizar a percepção que o velho tem da cidade, pois ele descreveu a cidade como ela era como ela ficou registrada através de suas experiências. Os fatos narrados nos mostram a expressão de momentos mais significativos com os lugares. O processo de urbanização dos lugares deu a estes uma paisagem que demonstra a presença humana. Onde ficaram materializadas as formas que indicam a História do lugar. Uma História que transformou pequenos lugares em grandes, com monumentos, com contingentes populacionais que se espalham por toda parte e que individualmente ou coletivamente produzem esses lugares, essas cidades.

A cidade representa a maior aspiração da humanidade em relação a uma ordem perfeita e harmônica, tanto em sua estrutura arquitetônica como seus laços sociais. Como ideal, a cidade aparece em grande parte perdida para nós, enquanto os seus defeitos, como um meio ambiente físico, tornam-se cada vez piores. (YI-FU TUAM, 2012, p.209).

O habitante da cidade parece ter uma necessidade psicológica de possuir uma imagem da totalidade do meio ambiente para localizar o seu próprio bairro. Conhecimento de uma cidade varia muito de pessoa para outra. Assim a maioria das pessoas são capazes de indicar pelo nome dois extremos da escala urbana, a cidade como um todo e a rua onde moram. As divisões intermediárias, ao contrário, são vagamente concebidas, a ponto de poucas pessoas poderem prontamente lembrar o nome de seu distrito ou bairro. (YI-FU TUAM, 2012, P.265).

2.2 MANAUS E MEMÓRIA

A cidade de Manaus tem a sua história oficial, como tudo iniciou, por mais que a História oficial não seja o nosso foco principal, resolvemos escrever um pouco de sua História para melhor compreensão do seu processo de crescimento. Desta maneira buscamos a seguir um pouco de sua história.

A Amazônia, de posse espanhola pelo Tratado de Tordesilhas, em 1494, manteve-se inexplorada até o século XVI, quando se tornou alvo de interesse de holandeses, franceses, ingleses, irlandeses e, principalmente, de portugueses, que saíram em 25 de dezembro de 1615 de São Luís do Maranhão e chegaram ao Pará, onde em 1616, instalaram na baía do Guajará o Forte do Presépio, nome que fazia referência ao dia da saída do Maranhão. No ano de 1669 foi construída a fortaleza de São José do Rio Negro com a finalidade de garantir o controle estratégico da boca do Rio Negro para evitar o acesso de jesuítas e espanhóis e dos indígenas hostis, aliados dos holandeses da Guiana. Em Torno do forte, logo se fixaram numerosos indígenas das tribos Manáo, Baré e Passé, que ajudaram na construção e fortificação dos catequistas portugueses. Nasce assim, o Lugar da Barra. (GOMES, 2004, Pp.34). Como podemos ver na Figura 01.



Figura 01: Forte de São José do Rio Negro - Desenho do engenheiro João André Schwebel (1754).

Fonte: Museu do Norte.

Ao redor do Forte de São José do Rio Negro se desenvolveu o povoado do Lugar da Barra, que por conta da sua posição geográfica passou a ser sede da Comarca do São José do Rio Negro. Em 1755, por meio de Carta régia, a antiga missão de Mariuá foi escolhida como capital, passando a se chamar vila de Barcelos, anos mais tarde a sede foi transferida para o Lugar da Barra, que em 1832 tornou-se Vila da Barra, e em 24 de outubro de 1848, a Cidade da Barra de São José do Rio Negro. No entanto, com a elevação da Comarca à categoria de Província, em 1850, a Cidade da Barra, passou a se chamar em 04 de setembro de 1856, Cidade de Manaus, tornando-se independente do Estado do Grão-Pará. O nome lembra a tribo indígena dos Manáos, que habitavam a região onde hoje é Manaus antes de serem extintos por conta da civilização portuguesa, e seu significado é “mãe dos deuses”.

Através da assembleia Provincial do Pará que editou a Lei n.º 147, de 24 de outubro de 1848, elevando a Vila de Manaus à categoria de Cidade da Barra de São José do Rio Negro, fazendo retornar a antiga denominação do povoado que havia começado em 1669. Em 4 de setembro de 1856, a cidade

receberia a sua denominação definitiva de Manaus. Nesse período Manaus já contava com 4 mil habitantes.

Os primeiros núcleos no sentido urbano surgem quando o colonizador Europeu resolve agrupar as tribos indígenas. Segundo Baze (2011,p.80): Vale lembrar que a topografia da cidade, antes do Eduardo Ribeiro, vislumbrava-se cortes hidrográficos de vários igarapés que serpenteavam a cidade, entre os quais: o salgado, Castelhana, do Espírito Santo, de Manaus, da Cachoeirinha, São Raimundo e Educandos. A cidade se limitava ao norte pela Rua Monsenhor Coutinho; ao sul pelo rio negro; a leste pela Rua Joaquim Nabuco e a oeste pelo igarapé de São Vicente. Os bairros que existiam eram: Educandos, Cachoeirinha, Campinas e São Raimundo.

A partir de 1870, Manaus viveu o surto da economia gomífera, encerrando-se em 1913, em virtude da perda do mercado mundial para a borracha asiática, fazendo com que a cidade retornasse a um novo período de isolamento. No período da borracha Manaus passa por mudanças, a atividade enche os cofres do governo, favorecendo uma série de obras na cidade. A cidade assim vai crescendo. Como podemos observar na Figura 02:

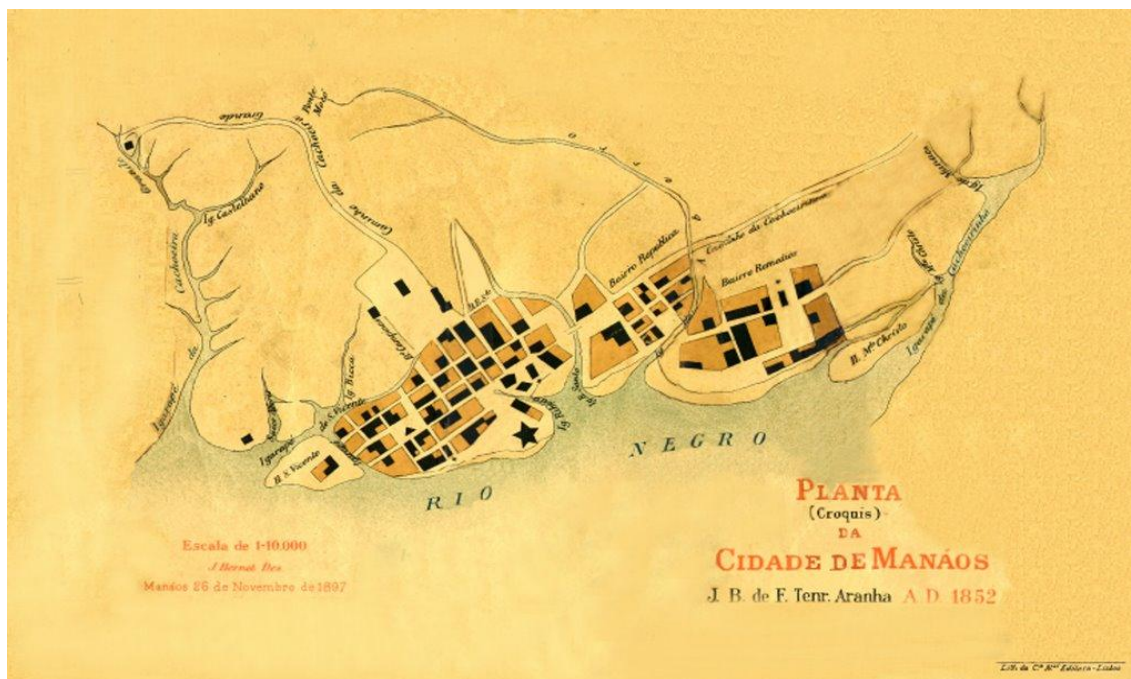


Figura 02: Planta (croqui) da Cidade de Manaus. A planta nos mostra o quanto a cidade era pequena, que vai surgir nas falas dos sujeitos da pesquisa.

Fonte: IGHA – AM.

Através das informações de Loureiro, (2001,p.31), em 1883, entraram na província 5.020 nacionais e 577 estrangeiros, totalizando 5.597 novos

habitantes. Onde poucos estrangeiros se estabelecem na capital, já a grande massa era despachada para os seringais, onde a maioria era de nordestinos.

Em 1880 Manaus crescia em direção a atual Avenida Sete de Setembro, até a Joaquim Nabuco, ultrapassando a primeira e a segunda pontes. O sujeitos comentaram sobre as pontes existentes na época, utilizaram como ponto de referência onde a explicações sobre as pontes vão parecer no capítulo três que aparecem nas falas.

Segundo Bittencourt, 1999: No período de 1890 a 1910 contava com uma população de 52.00 habitantes e em 1910 alcançou por volta de 100.000 habitantes, em 1910. A cidade crescera até a cachoeirinha, chegando a atual castelo branco e ruas Borba e carvalho leal, por onde seguia a linha dos bondes, a Constantinópolis, a leste; a São Raimundo, a oeste; e a norte, ultrapassava o Boulevard, com linhas de bonde indo ao bairro de flores considerado longe. Conforme a Figura 03.

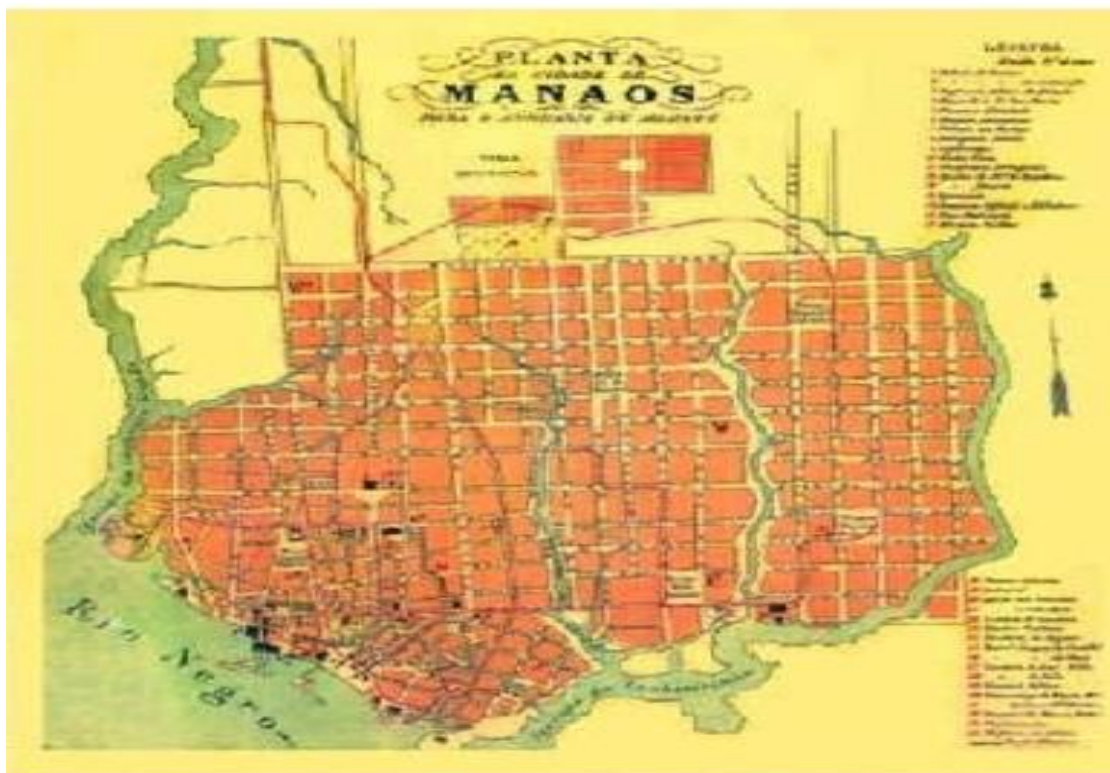


Figura 03: Planta Manáos.
Fonte : IGHA –AM

Segundo Loureiro (2001,p.33): Com o aumento da produção da Malásia, Manaus não estava bem economicamente devido as quedas de preço da borracha, a região estava em declínio, ocorre então a diminuição da população, onde casas foram abandonadas, falta de recursos e gêneros alimentícios , e

uma pandemia de gripe espanhola que matou cerca de 6 mil pessoas nos anos de 1918 a 1919. No ano de 1920 a população chega a 70 mil habitantes, em 1940 diminui para 66 mil habitantes. Segundo Oliveira (2002): em 1941 e 1942, entraram em Manaus 152.138 pessoas, das quais 78.022 vindas de outros estados, 76.988 do interior do estado e 1.128 estrangeiros, conforme o departamento Estadual de Estatísticas. (2002).

Com o fim da Guerra as pessoas migram do interior para a capital, devido ao fim da atividade gomífera. Nos anos cinquenta do século passado, o governo federal inicia a política de integração da Amazônia. Intensifica-se a partir dos anos sessenta os projetos de desenvolvimento regional cria-se a Zona Franca de Manaus. Como podemos visualizar na imagem 04 onde é atualmente o Distrito Industrial.

Segundo Oliveira (2002): Nenhuma capital brasileira teve, proporcionalmente, sua população aumentada nos níveis verificados em Manaus nos últimos 30 anos. A cidade cresceu e diminuíram as já poucas possibilidades de “vida civilizada”. Os apelos de libertação de Manaus da Zona Franca apresentou ao homem do interior do Amazonas logo se mostraram enganosos e trágicos para a maioria que, fugindo do isolamento e ao abandono da vida interiorana (...). Mesmo assim foi se arrumando como pode, porque, regra geral, o êxodo não tem retorno.

Segundo Baze (2011, P.84), Manaus despertou admiração de tantos imigrantes brasileiros e estrangeiros, cuja primeira década de 1900 marcou uma época. É verdade, de uma aldeota dos índios manaós, o antigo lugar da barra se transformou em um dos mais importantes centros de atividade industrial e comercial do mundo tropical, graças à vitalidade industrial.

Nos anos 1970, o processo migratório desencadeado a partir do pólo industrial provocou o crescimento da cidade que avançou em direção à floresta. Manaus em 1970 tinha 311.622 e em 2000, 1.405.835 habitantes (Censo do IBGE, 2000). Os dados nos mostram no decorrer de trinta anos que a população aumentou, e ocasionou no crescimento da cidade.

Em 2010 contamos com 1.802.014, e em 2015 2.057.711 habitantes (IBGE 2015), a cidade continua crescendo. Atualmente temos 53 bairros

Com base nos dados acima citados da História de Manaus buscamos mostrar que a cidade passou por transformações associadas as suas atividades econômicas que influenciaram em seu crescimento populacional e urbano. De uma pequena cidade a uma metrópole regional. Os sujeitos que participaram das entrevistas vivenciaram e contaram através de sua memória e percepção as lembranças da cidade do passado, que já não é a mesma cidade de hoje. Mas essa cidade do passado continua bem viva na memória dos velhos.

2.3 PERCEPÇÃO DO VELHO E A CIDADE

A percepção é o ato humano de se colocar no mundo. Concebemos o mundo a partir de nossa percepção sobre ele.

A percepção é uma atividade, um entender-se para o mundo. Os órgãos dos sentidos são pouco eficazes quando não são ativamente usados. Nosso sentido tátil é muito delicado, mas para diferenciar a textura ou dureza das superfícies não é suficiente colocar um dedo sobre elas; o dedo tem que se movimentar sobre elas. É possível ter olhos e não ver; ouvidos e não ouvir. (YIFU TUAM, 2012, p.30).

Segundo Lowenthal, (1998, p.64), estamos tão habituados a pensar no passado histórico em termos de narrativas, sequências, datas e cronologia que supomos que são atributos do próprio passado. Mas não são; nós mesmos os colocamos lá. A capacidade e propensão para ordenar os acontecimentos numa sequência de datas é uma conquista cultural relativamente recente.

Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa tem sua percepção da cidade mais evidente quando relembra sua experiência com a área central da cidade, por estarem ligadas as lógicas históricas e socioespaciais, e tendo seu espaço vivido na fase da infância, e adolescência em que tinham um contato direto com o centro da cidade. Como Manaus era uma cidade pequena como diz os velhos entrevistados. “Uma cidade pequena, onde era possível ir andando para os lugares, a alimentação era saudável, comprava quase tudo no mercado, onde se dormia com as portas abertas, onde não se tinha crimes, uma cidade tranquila e sem violência”. Por mais que alguns velhos não morem mais no centro ou nos bairro próximos, que tenham se mudado, ainda estabelecem nas

suas lembranças a relação forte com o centro da cidade e os primeiros bairros, os mesmos circulavam pela cidade e estabelecem um vínculo afetivo com ela.

Segundo Lowenthal (1998, p.85): a percepção da memória como chave para o autodesenvolvimento, assegurando e ampliando a identidade através da vida, foi uma revelação do final século XVIII, cuja única precursora havia sido a narração bíblica.

O lazer, as festas, o cotidiano, o esporte, as igrejas, as praças, entre outras manifestações apareceram através da percepção que o velho possui da cidade, quem também é marcado pelas desigualdades sociais, aparecem alguns lugares na cidade que somente os ricos frequentavam, mostrando a segregação socioespacial.

2.4 MEMORIA DO VELHO

Investigamos através da memória como o velho nos apresenta a cidade de Manaus. Não foi uma das tarefas mais fáceis fazer a interpretação das lembranças de quem viveu e vive no lugar. Desta forma suas narrativas foram peça chave no desenrolar da pesquisa. Mas que memória? A dos velhos que vivem a cidade, que através das entrevistas nos mostraram a virtude de suas experiências vividas.

E interessante observar que Bobbio (1997, p.20), em tempo da memória diz: “o mundo dos velhos é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória”.

O termo memória possui várias definições. A memória que buscamos é a memória do cotidiano que parte das lembranças através das experiências e vivências com os lugares de vida.

Halbwachs (1990, p.143), diz que o espaço, ou melhor “nosso espaço”, é aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual temos acesso e que fixa as nossas construções e pensamentos do passado para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças.

Beauvoir (1976, p.56) diz que a velhice do homem é um fenômeno biológico, com consequências psicológicas e que os dados biológicos e os fatos psicológicos se impõem mutuamente, modificando a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história.

O mundo dos velhos, de todos os velhos, é de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentamos a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos as ações que cumprimos as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião. Que nos seja permitido viver enquanto as lembranças não nos entrega a elas. A dimensão na qual o velho vive é o passado. O tempo do futuro é para ele breve demais para dedicar seus pensamentos àquilo que está por vir. A velhice, dizia aquele doente, dura pouco (Bobbio, 1997, p.30).

Entrevistamos velhos que viveram a cidade e que gostaram de viver na cidade, desta forma adoram lembrar e contar as suas lembranças. Onde aparece a cidade que viveram que já não é mais a mesma de hoje.

No entanto ficou bem claro que os velhos que participaram da pesquisa não tem projetos em longo prazo, a morte se torna cada vez mais presente. Conforme Bobbio a velhice passa a ser então o momento em que temos plena consciência de que o caminho não apenas não está cumprido, mas também não há mais tempo para cumpri-lo, e devemos renunciar à realização da última etapa. (Bobbio, 1997,p.31)

Através do livro de Bosi ela pontua a divisão do tempo no conjunto das lembranças que registrou de homens e mulheres velhos. Sua percepção está voltada para o tempo biológico relacionado à existência dessas pessoas, o tempo da infância, da juventude, da idade adulta. De acordo com suas impressões, “a infância é larga, quase sem margens como um chão que cede a nossos pés e nos da sensação de que nossos passos afundam” (Bosi, 2006,p.415).

A velhice é a ultima fase da vida, representada na maioria das vezes como aquela da decadência, da degeneração, da parábola descendente de um indivíduo, mas também, metaforicamente, de uma civilização, de um povo, uma raça, de uma cidade. (Bobbio,1997,45).

Para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só há uma solução – é continuar a perseguir fins que deem um sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, à coletividade, a causas, ao trabalho social ou político, intelectual, criador. Contrariamente ao que aconselham os

moralistas, é preciso desejar conservar na última idade paixões fortes o bastante para evitar que façamos um retorno sobre nós mesmos. A vida conserva um valor enquanto atribuímos valor à vida dos outros, através do amor, da amizade, da indignação, da compaixão. Permanecem, então, razões para agir ou para falar. (BEAUVIOR, 1976, p. 44).

Bobbio (1997, p.33) em o tempo da Memória discorre sobre suas experiências de velho e, do ponto de vista individual, fala de uma velhice fisiológica, cronológica, burocrática, psicológica ou subjetiva, cultural e social. Se os termos que usa são análogos aos das teorias científicas ele compreende sente em si mesmo o que isto significa e o que ainda lhe é possível. Acaba por dizer que “o mundo dos velhos é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória”.

Beauvoir (1976, p.47), afirma que a velhice do homem é um fenômeno biológico, com consequências psicológicas e que os dados biológicos e os fatos psicológicos se impõem mutuamente, “modificando a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a sua própria História”.

Segundo Lowenthal (1997, p.65), o passado nunca está morto, ele existe ininterruptamente na memória de pensadores e de homens imaginativos. O passado da cidade de Manaus que conseguimos resgatar através da memória do velho, que quando fala parece que está bem presente.

Em geral, podemos dizer que, sempre uma pessoa (jovem ou velha) sente que o tempo está mudando muito rapidamente, sua resposta característica é evocar um passado idealizado e estável. Por outro lado, quando uma pessoa sente que ela mesma está dirigindo as mudanças e controlando os assuntos importantes para ela, então a saudade não tem lugar em sua vida: a ação, em vez de lembranças do passado, apoiará seu sentido de identidade. (YI – FU TUAM, 2013).

Segundo Lowenthal (1997, p.75), toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças, recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos o ontem do hoje, e confirmamos que já vivemos um passado.

Esse passado apareceu nas entrevistas na forma individual e coletiva. As lembranças são importantes como disse um dos entrevistados, através da

lembranças do passado nos mostra que valeu a pena a viver, e nos impulsiona a viver mais.

Segundo Lowenthal (1997, p.77): Relembrar o passado é crucial para o nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória, recordar experiências passadas nos liga a nossos momentos anteriores, por mais diferente que tenhamos nos tornado.

O tempo da velhice sem dúvida é uma fase natural que faz parte do ciclo vida, onde a maioria das pessoas irá passar, é o tempo que existe mudanças provocadas pelo processo degenerativo acentuando as perdas físicas e onde ocasiona transformações psicológicas, culturais e sociais. Por isso precisamos entender que a velhice é um tempo de vida que praticamente todos irão passar, com todas as mudanças sociais, culturais, psicológicas com a sua repercussão com a sociedade. Para a nossa pesquisa a memória do velho tem sua grande contribuição tanto para o meio acadêmico quanto para a sociedade no geral.

CAPÍTULO III:

A CIDADE DA MEMÓRIA E SUAS REPRESENTAÇÕES.

O espaço relatado pelo velho carrega na sua memória a vivência de diversas maneiras o lugar. O espaço vivido que foi experienciado por quem habita e habitou o lugar percebido por sua forma, seu cheiro, seu barulho. Mostramos aqui a experiência adquirida no cotidiano fruto da percepção. Desta forma apresentamos a cidade da memória do velho, a maneira que vive e viveu a cidade.

A percepção que cada ser humano tem de um lugar, ainda que haja muitos pontos em comum com de outras pessoas, é sempre única, particular. Isso porque a percepção de cada indivíduo é moldada por sua história de vida, por sua idade, pelo tipo de interesse que possui em relação às pessoas, aos objetos e aos lugares.

Segundo Lowenthal (1997, p.78) Explicar o passado no presente significa lidar não apenas com percepções, valores e linguagens que mudam, mas também com acontecimentos ocorridos após a época examinada.

Segundo Lowenthal (1997, p.79) A memória é inata e imediatamente discernível da experiência presente. A distinção entre o passado histórico e o presente não é inata mais adquirida, e com frequência incerta ou ausente. Onde o conhecimento do passado é transmitido oralmente, por exemplo, ou onde não existe registros, o passado é percebido inteiramente em função de relatos do presente.

3.1 A CIDADE DE MANAUS ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DO VELHO.

Segundo os entrevistados havia uma cidade de Manaus que não era vivida, sentida e experienciada pelos ricos e outra que não o é pelos pobres. O que está expresso nas falas dos sujeitos, no consumo, no cotidiano e nos tipos de lazer. Muitas vezes os pobres não tinha dinheiro ou transporte para se ter acesso aos lugares que os ricos costumavam frequentar.

No decorrer das entrevistas estabelecemos dialogo com quarenta velhos, sendo 20 homens e 20 Mulheres, com níveis de escolaridade e renda diferenciados. Buscamos através dos questionários saber se o sexo, renda e

nível de escolaridade influenciaram os lugares em que frequentavam. Através da análise do questionário socioeconômico chegamos aos seguintes resultados:

Se o sexo influenciou na forma em que homens e mulheres circulavam pela cidade, na infância os lugares são bem parecidos. Quando chegam à Adolescência alguns homens circulavam sozinhos, já as mulheres geralmente saíam acompanhadas com alguém da família, que iam deixar e buscar. Na idade adulta os homens circulavam mais e as mulheres passavam um tempo maior em casa cuidando dos afazeres domésticos.

Os entrevistados têm entre 60 a 88 anos, sendo que quinze dos entrevistados tem entre 60 – 70 anos, dezenove entre 71-80 e seis entre 81 - 90. Conforme os dados dos entrevistados constata-se que dos quarenta entrevistados, 5 não foram alfabetizados, 22 tem o ensino fundamental incompleto, 2 possuem o fundamental completo, 1 com o Ensino médio Incompleto e sete com o ensino médio completo e 3 com nível superior completo.

O nível de escolaridade influenciou na maneira que os entrevistados circulavam pela cidade os lugares que frequentavam. As mulheres com nível superior circulavam mais do que as que tem um nível de escolaridade baixo.

A maioria dos entrevistados são aposentados ou são pensionistas, a renda que predomina é de um salário mínimo, onde trinta e um recebem um salário mínimo, os outros nove a renda varia de dois a cinco salários mínimos. A renda também foi uma variável que teve a sua influencia, existiam lugares da cidade que pessoas com renda baixa não frequentavam. As mulheres que dependiam do seu cônjuge ficavam mais tempo em casa. As mulheres que trabalhavam saíam mais, não só para o trabalho, mas para outras atividades.

Chegamos à conclusão que o sexo, nível de escolaridade e renda influenciou na forma que os entrevistados circulavam pela cidade. Homens e mulheres frequentaram alguns lugares diferentes, a renda influenciou no sentido que existiam lugares que eram frequentados somente por ricos.

3.2 A CIDADE DE MANAUS PERCEBIDA PELOS VELHOS.

Construímos a História da cidade de Manaus através das lembranças guardadas na memória dos velhos que vivem e viveram na cidade. Aos poucos foi possível reviver uma cidade que existiu no passado que esta bem viva nas lembranças dos velhos que habitam.

Tratamos aqui da memória que o velho possui da cidade com o seu passado vivido. A sua memória dos lugares que conheciam. Foram feitas entrevistas individuais e coletivas com cada para contar as suas lembranças em que ficou evidentes que o seu passado está presente em sua memória. As entrevistas foram longas, identificamos que os velhos ao contar sua memórias não seguem uma ordem Cronológica, às vezes voltam para os anos anteriores.

Conforme Bosi (2006, p.414), em seu estudo sobre lembranças de velhos, ela percebeu a dificuldade que seus entrevistados tiveram em transpor a narrativa das memórias da infância e da juventude para as da idade adulta, o que a fez concluir que, às vezes, as pessoas podem se fixar no ponto de vista de certo ano de sua vida, isto é, os outros tempos são suprimidos e apenas um conduz o fio da narrativa da memória.

Os entrevistados descreveram a cidade de Manaus no período das fases de sua vida na infância, na adolescência, na idade adulta até a velhice. O que ficou bem claro e que eles vivem o hoje com as suas lembranças passadas bem vivas em sua memória. Os entrevistados tem uma faixa etária de 60 a 88 anos de idade. O mais velho dos entrevistados nasceu em 1927 e o mais novo nasceu em 1955. Assim as lembranças partiram da década de 30 em diante, as que aparecem dos anos anteriores foram contadas pelos seus pais. O que nos mostra que o passado nunca está morto, ele existe ininterruptamente na memória de pensadores e de homens imaginativos. O passado da cidade de Manaus que conseguimos resgatar através da memória do velho.

Lowenthal (1997, p.80) nos diz: O conhecimento histórico é consensual por sua própria natureza. Uma vez que é visto e ouvido praticamente da mesma forma por muitas pessoas ele pode com frequência ser verificado ou falsificado, diferentemente das lembranças. Lembranças do passado que aparecem nas falas. Conforme o entrevistado N.03 apontou as características da cidade de Manaus como uma cidade pequena com poucos habitantes, onde

se era possível dormir com portas e janelas abertas, transitar pela cidade a qualquer horário, poucos crimes ocorreram, onde se tinha hábitos e um modo de vida saudável. Ele menciona que,

Por volta de 1947 contavam com 30 a 40 mil habitantes na cidade de Manaus. Para você ter ideia quando eu tinha uns 17 anos a cidade terminava na ponte dos bilhares. Nessa época os fogões eram a lenha. O centro possuía a sua imponência da igreja – a alfândega que funcionava a rua deserta. Não existia camelô até o mercado às ruas eram limpas. Não tinha meninos pedindo nas ruas. Anadavamos tranquilamente até o mercadão onde o quilo da carne custava à metade do preço. A cidade era pequena o Educandos era considerado periferia com as suas palafitas. (Entrevistado N. 03 de 85 anos, 2015).

Aos poucos a cidade surge através das lembranças com o lugar de vida. Onde o entrevistado N. 40 fala sobre quatro pontes a primeira, segunda, terceira e a quarta. Segundo ele,

Na cidade tinha quatro pontes antigas, a primeira ponte ficava perto da segunda na sete de setembro, perto do palácio rio negro, já a terceira ficava entre o centro e a cachoeirinha e a quarta ponte é a dos bilhares onde terminava a cidade. No centro tínhamos a primeira e a segunda ponte onde tomávamos banho e pescávamos. (Entrevistado N.40,73 anos, 2015).

Nas entrevistas os velhos utilizam as quatro pontes como fonte de referencia, mas não se referem a ela pelo seu nome, sempre falam a primeira, a segunda, a terceira e a quarta. A primeira ponte é chamada de Floriano Peixoto, a segunda ponte recebe o nome de Marechal Deodoro, a terceira ponte é conhecida como ponte de Ferro e a quarta ponte recebeu o nome de Campos Salles – hoje é conhecida como dos bilhares. Podemos visualizar na Figura 04:



Figura04: A primeira ponte e conhecida também como ponte Romana I tem a nomenclatura de Ponte Floriano Peixoto construída em 1896, obra do engenheiro Miguel Ribas, com 230 metros, sobre o Igarapé do Mestre Chico, ao lado do Palacete Scholz, (até 1911) e posteriormente chamado de Palácio Rio Negro (1918-1995).
Foto: Acervo Jornal do Comercio.

Outra ponte que aparece é a segunda ponte como podemos visualizar na Figura 05:



Figura05: Situada na esquina seguinte da primeira, leva o nome de Marechal Deodoro, mas, como vem na sequência, é mais conhecida como Segunda Ponte.
Foto: Acervo Jornal do Comercio.

Na Figura 06 a seguir temos a terceira ponte. A Ponte Benjamin Constant é uma ponte centenária, localizada na Avenida 7 de Setembro, sobre o igarapé do Mestre Chico, no bairro da Cachoeirinha em Manaus. É um dos marcos históricos da cidade de Manaus, fazendo a ligação do centro da cidade com o bairro da Cachoeirinha.



Figura 06: Terceira ponte conhecida aponte tem o nome de Benjamim Constant, muito embora pela Lei nº 1477, de 16 de abril de 1928, foi alterada para Antônio Bittencourt, mas até hoje é conhecida pela sua denominação original. Recebeu por seus moradores próximos diversos nomes: Ponte da Cachoeirinha, Terceira Ponte, Ponte Metálica e a mais popular que é Ponte de Ferro .

Foto: Acervo Jornal do Comercio. 1901.

E a quarta ponte podemos ver na Figura 07, Ponte Campos Salles, de ferro sobre o igarapé da Cachoeira Grande, hoje Bilhares.

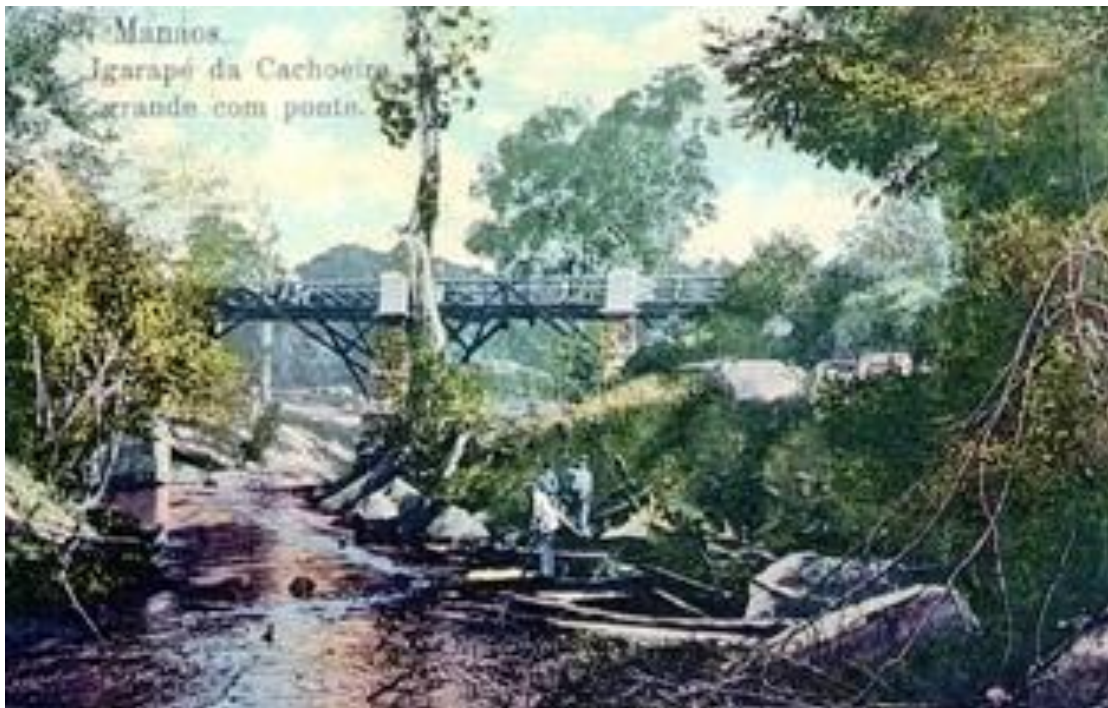


Figura 07: A ponte situada no então bairro de Flores resistiu ao tempo, tendo sofrido recentemente uma recuperação e a companhia de nova ponte (esta em alvenaria), para atender a expansão viária de Manaus. Ponto de referência: av. Constantino Nery, próximo as torres do Millenium.

Foto: Acervo Jornal do Comercio.

Outro ponto que aparece é a cidade flutuante que era um bairro da cidade em cima no Rio Negro, com habitações flutuantes. Como nos diz o entrevistado N. 04:

Tinha também a cidade flutuante cheguei a conhecer. La tinha muito roubo. As pessoas que roubavam eram conhecidas como barriga d água, porque roubavam as pessoas e mergulhavam, tinha muitas brigas. Mas a cidade acabou as pessoas que moravam lá foram para o novo Israel. Ela ficava na frente da cidade perto do mercado.

Os entrevistados falaram sobre a cidade flutuante que chegou a ter cerca de duas mil casas flutuantes, era próxima ao mercado bem na frente na cidade e suas habitações eram de madeira com cobertura de palha. Mas a cidade foi removida e os seus moradores foram para outros bairros. Como podemos ver a Figura 08 mostra a cidade flutuante:

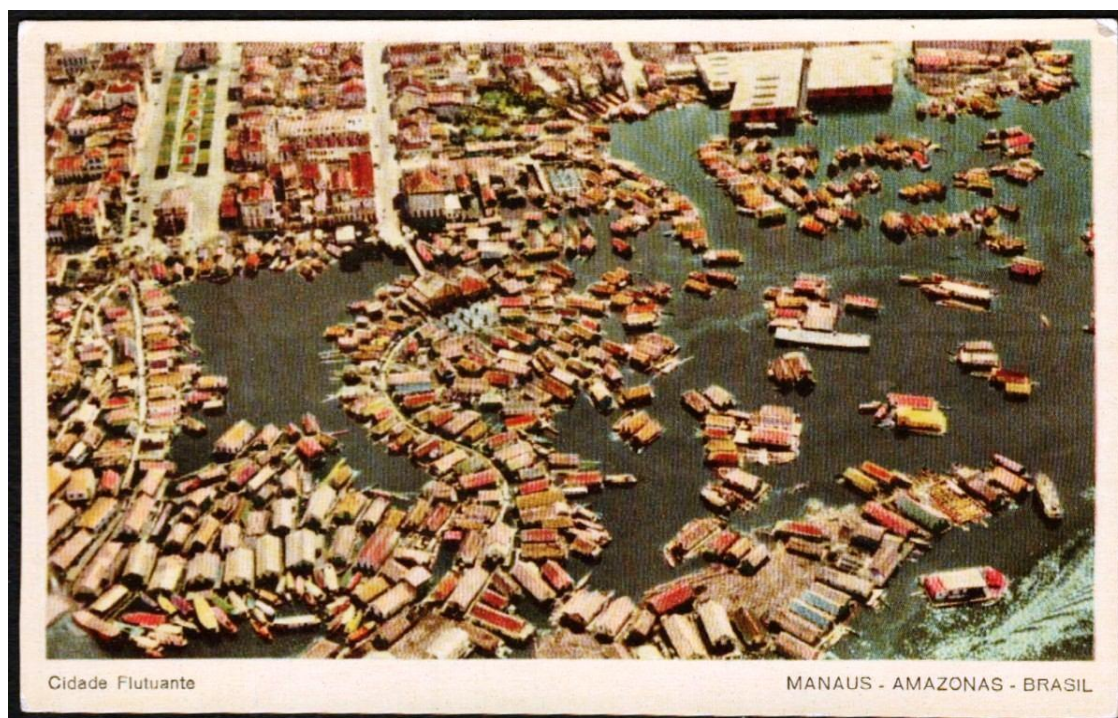


Figura 08: Vista aerea da cidade flutuante em Manaus. A cidade flutuante localizada às margens do Rio Negro em Manaus respondia por um conjunto de casas de madeira construídas sobre troncos de árvores capazes de torná-las flutuantes sobre as águas do rio Negro e igarapés da cidade de Manaus. Ela surgiu entre os anos de 1920, quando a grande produção e exportação exclusivista da borracha chegaram ao fim. No ano de 1965 inicia o processo de desconstrução da Cidade Flutuante, no Governo de Arthur Cezar Ferreira Reis que se estende ate 1966, 1967, em meio a uma política de “integração” nacional dos governos militares, implantou-se na cidade uma zona franca de comércio, cujas metas de modernização e progresso da capital amazonense não incluíam a “cidade flutuante”, pelo contrário, passavam pela sua completa destruição. A “cidade flutuante” de Manaus, tal como a maioria das cidades oficialmente reconhecidas, não nasceu cidade e, também como aquelas, se iniciou de forma muito tímida, não passando de um punhado de moradias de madeira, cobertas de palha, dispersas e habitadas, a maioria das vezes, sazonalmente por uma rarefeita população que, sobretudo depois da derrocada da empresa gomífera a partir de 1920, começou com suas habitações sobre as águas a interagir com a paisagem urbana da capital.

Foto: acervo acrítica, 1964.

Os entrevistados nos contam que quando a cidade flutuante foi desativada, os moradores foram remanejados para outros para outros lugares da cidade dando origem a novos bairros como, o Novo Israel, o bairro da Glória.

O centro da cidade é bem lembrado, já que os entrevistados na infância e adolescência moraram no centro, ou nos bairros ao redor, alguns permanecem ate hoje no mesmo bairro e outros com o casamento acabaram mudando. O centro é caracterizado pelos mesmos com as suas Igrejas, as

praças, o lugar do trabalho, as fábricas, os meios de transportes, as escolas, os balneários, os clubes. Como nos relata a entrevistada n.05,

Frequentei muito o centro, eu morei no Boulevard Amazonas ali perto do cemitério, na Cachoeirinha eu morava com meus pais, depois casei fui morar em vários lugares morei no São Jorge, morei até quando o meu marido morreu, depois que ele morreu vendi a casa e fui morar no centro e depois de um bom tempo morando na rua Comendador, comprei uma casa no Parque 10 e já estou lá a quinze anos, só vou sair de lá quando morrer.

Desta forma os entrevistados tinham uma relação com o centro da cidade e os bairros ao seu redor. Que nos descrevem as fábricas existentes em seu tempo. As fábricas que existiam em Manaus naquela época era: a fábrica de cerveja, de castanha, de pirarucu, de juta a que beneficiava borracha. Como nos diz o Entrevistado 04:

As fábricas que existiam na cidade eram de castanha, borracha, pirarucu, Brasil juta e frete juta perto do aeroporto ponta pelada no Educandos e algumas na Aparecida.

Os outros entrevistados falaram sobre a localização dessas fábricas.

Tinha a fábrica lá bor – companhia que beneficiava a borracha. A companhia nacional da borracha localizada na avenida sete de setembro perto da escola Santa Terezinha. (Entrevistado N.03)

Com base nas narrativas começa a aparecer os seus mapas mentais através de suas falas quando aparecem como uma construção mental da localização lugares descritos. Os bairros surgem através das falas, bairros da cidade que ainda continuam com o mesmo nome.

Tinha a fábrica Brasil juta que ficava na estrada do paredão onde é a presidente Kennedy. A da juta era perto da ponte do Educandos, No bairro do Educandos. (Entrevistado N.33).

Além das fábricas a cidade contava com poucos restaurantes e lojas algumas aparecem nas narrativas dos velhos. Por se tratar de uma cidade pequena a entrevistada N.08 diz que os melhores restaurantes ficavam na José Paranaguá. As lojas de roupas eram poucas, geralmente não comprávamos roupas prontas mandávamos fazer e andávamos bem vestidos.

Conforme as narrativas o entrevistado N.11 fala sobre as lojas que costumava frequentar,

As lojas que eu gostava de frequentar era a 22 Paulista, a Pernambucanas, JG Araujo que ficavam na Marechal Deodoro e a casa dos Óleos que ficava na av. sete de setembro.

A maioria dos entrevistados falam sobre a casa dos óleos, era um supermercado da cidade bem frequentado que aparece como lugar que gostavam de fazer compras. Figura 09.



Figura 09: Casa dos óleos na av. Joaquim Nabuco. A maior rede de supermercado de Manaus, na década de 80, o C.O. (Casas do Óleo).

Foto: acervo jornal do comercio.

As lojas da cidade tinham donos estrangeiros que eram turcos, libaneses, árabes, portugueses. Como descreve o entrevistado N.12,

Geralmente as lojas do centro da cidade eram de turcos, árabes, libaneses, portugueses. Na Eduardo Ribeiro tinha a Lobras a quatro e quatrocentos. As minhas roupas eu quase não comprava pronta, gostava de mandar fazer. Mas comprava o tecido na loja do centro. As lojas eram poucas. Gostava de frequentar a soverteria no quanto da sete com a Eduardo ribeiro.

O bonde sempre aparece nas falas dos velhos que utilizavam para o transporte e lazer. Segundo o entrevistado N.03,

O bonde da meia noite era o circular dava a volta na cidade, quase todo mundo apanhava por causa do calor. A cidade era quente então a meia noite as pessoas entravam no bonde para se refrescar e aproveitavam para passear.

O bonde fez parte da vida cotidiana dos entrevistados os mesmos lembram-se da estação do bonde que tinha o “presépio maravilha” que ficava na avenida sete de setembro. Andavam com as suas famílias saiam para passear, para ir à igreja, depois iam passear no porto conhecido como Roadway. Ver Figura 10.



Figura 10: Bonde na avenida Sete de Setembro. Andar de bonde antigamente não era glamour e sim necessidade, pois ele era um dos principais meios de transporte de Manaus depois da urbanização, (ressaltando que as catraias também eram bastante utilizadas). Nessa época quem prestava o serviço de bondes elétricos em Manaus, era a empresa Manaus Tramway & Light Company. Uma empresa inglesa que atinge o seu auge com um excelente serviço prestado à população desde sua instalação. Em 1930 a mão de circulação era pelo lado direito conforme era utilizada em Londres. A partir dos anos 40 a prestação de serviço torna-se decadente e deficientes pois não há mais estabilidade econômica para manter os recursos elétricos funcionando, o que leva problemas de continuidade nos serviços dos bondes e aos poucos ele vai sendo desmerecido e sendo substituído na preferência popular, sendo extinto no fim da década de 50.

Foto: acervo Jornal do Comercio.

Os entrevistados lembram com saudade do tempo que andava de bonde,

A estação do bonde (antiga) quando criança ia ver o Presépio maravilha. Andei muito de bonde com a minha família ia à missa na igreja depois ia passear no porto. Pegava o bonde para passear na Cachoeirinha outro para a Colônia Japonesa. Quando criança lembro que os meninos colocavam a garrafa no trilho do bonde para fazer cerol, para passar na linha do papagaio.(Entrevistado N.1).

O bonde faz parte da infância dos entrevistados como nos diz:

Eu andei de bonde, e adorava, o meu pai era funcionário do deram e eu ia levar o almoço para ele de bonde, trabalhava no deram da cachoeirinha, eu era criança a minha mãe fazia o almoço e me preparava e levava pegava o bonde, ia no bonde e voltava no bonde . Cansei de andar no bonde.(Entrevistado N.05).

O bonde por muito tempo foi utilizado como transporte, á cidade contava com poucos carros, outro transporte que surge posteriormente são os ônibus que eram feitos de madeira, como nos conta o entrevistado N.35,

Manaus era uma cidade pequena os ônibus eram de madeira, a locomoção era bem rápida. Mas o bonde era bem melhor que o ônibus, tinha horas que parecia que o ônibus ia desmanchar.

O ônibus era conhecido como Zepilin era tripulado por “aeromoças”. Ver figura 11. Os zepelins eram confeccionados em Belém do Pará pela Viação Sul Americana. Tinham carroceria de madeira, ferro e flandres, pintados externamente na cor de alumínio. O interior era forrado em couro e os bancos, alcochoados. Em vez de cobradores, eram tripulados por ‘aeromoças’. Como comentaram os entrevistados.



Figura 11. Ônibus Zepilim.

Foto: acervo jornal do comercio.

As praças aparecem nas narrativas dos velhos como o lugar de passeio, as praças mais comentadas são as do centro da cidade como a Praça da Policia (Heliodoro Balbi), que aparece como cartão postal, a Praça da Matriz com a sua Imponência e o aquaviário, a Praça da Saudade com o trem da alegria. A praça do congresso, a antiga praça que hoje é o campo de futebol colégio militar que se tinham as festas de boi de Manaus, a praça da cachoeirinha que hoje é a Universidade Estadual do Amazonas. Segundo o entrevistado N.05,

A praça que eu frequentava era a da nossa senhora da conceição a da Matriz, a praça do dera na cachoeirinha que hoje e aquela faculdade a UEA a praça são Sebastião essas praças. Nessas praças não tinha quase nada, o que agente tinha criança gostava era levar para mostras os peixes, agora já tiraram. Ali no dera tinha uma piscina que eles colocavam tartaruga, peixinhos. Mostrava para as crianças hoje não tem mais.

Os entrevistados comentaram que gostavam de frequentar as Praças da cidade,

As praças que eu frequentava era a Praça da Saudade do trem da alegria, a praça da matriz. A praça da policia tocava a banda da

polícia, as crianças iam brincar, os adolescentes iam para namorar naquele tempo era muito bom. (Entrevistado N.20).

A Praça surge nas narrativas relacionada com a Igreja. Onde os entrevistados falam que participavam das missas e depois ia passear na Praça. Ver Figura 12.



Figura 12: Igreja da Matriz. A atual Catedral Metropolitana de Manaus está situada na parte central da cidade, sobre uma elevação entre os igarapés do Espírito Santo e da Ribeira (ambos aterrados), com sua fachada principal voltada para o rio Negro que até hoje é o principal portão de entrada da capital amazonense. A praça XV de novembro, onde está localizada a igreja, já recebeu diversos nomes como Largo da Olaria, praça da Imperatriz, praça do comércio ou praça Osvaldo Cruz. De todos esses nomes o mais importante é ter sido denominado de Largo da Olaria e este foi um dos primeiros nomes, ainda, no Brasil Colônia.

Foto: acervo Jornal do Comercio

As boas lembranças nas praças com a família relacionando como se é frequentar a praça hoje,

As praças antigamente eram boas você podia sentar com a família. Hoje se você sentar na praça da matriz aparece logo uma garota de programa para chamar. Sempre tem alguém para assaltar. (Entrevistado N.04).

Na Praça da Matriz Tinha o Aviaquário Municipal (zoológico). Que o entrevistado N.2 frequentava,

Frequentava a Praça da Matriz, para levar as crianças para ver os animais, lá tinha um zoológico e um belo jardim, as crianças gostavam. Me diverti muito nessa Praça.

A praça da policia aparece nas narrativas de modos variados, com percepções diferente, mas era uma praça bastante frequentada pela população. Conforme Yi-fu Tuam (2012,p06) existem aspectos que influenciam a percepção humana, onde duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação. Ver Figura 13.



Figura13: **Praça Heliodoro Balbi**, batizada pelos manauaras também como **Praça da Polícia**., recebeu o codinome devido às apresentações da banda da Polícia no local. Para reafirmar o apelido de Praça da Polícia, há também o fato de até o ano de 2004, a praça ter abrigado o prédio do Comando Geral da Polícia Militar do Estado, onde outrora existia o Palacete Provincial, restaurado em 2008, para ser um dos mais novos espaços culturais da cidade, recebendo novamente o nome de **Palacete Provincial**.

Foto: acervo jornal do comercio.

Primeiro a Praça Heliodoro Balbi, mais conhecida como a Praça da Policia, aparece como cartão postal da cidade, na fala do entrevistado N.06,

A praça da policia a gente ia passear, tinha o coreto tinha a banda de musica era a policia militar agora mudou né, agora não tem mais nada. O tempo da infância era muito bom, minha mãe me levava para

brincar no jardim da Praça, no Natal íamos ver a banda tocar. Hoje não frequento mais a Praça, agora tem muita violência.

A Praça Heliororo Balbi aparece como a praça de malandro, onde o velho se refere a pessoas que utilizavam a praça para jogar,

A praça da policia conhecida como a praça de malandro, pois se jogava baralho apostando com dinheiro. Jogava no banco do jardim.
(Entrevistado N.03)

O entrevistado N.36, já tem outra percepção como cartão postal da cidade. Isso esta bem presente na fala dos entrevistados como diz para mim o cartão postal da cidade era a Praça da Policia adorava passar o natal lá com a minha família. A banda da policia tocava, tinha o coreto era uma forma de entretenimento da época que eu era mocinha. Como reforça a entrevistada N.6,

Eu conhecia a cidade mais ou menos eu fui muito presa, ficava mais casa e no colégio. Nos dias de domingo nossos pais nos levavam para a Praça da Policia que era bonito, centro turístico que agora não é mais.

Surgem algumas Praças que não existem mais na cidade, como afirma o entrevistado N.05,

Tinha também a praça do colégio militar tinha muitos atrativos tinha apresentações onde se dançava o boi, mas não era esse boi de hoje que era daqui de Manaus não era aquele de Parintins, tinha apresentação La de festival folclórico, ficava no centro tinha uma praça onde é o campo de futebol hoje na escola da policia. Era muito bom pena que hoje não existe mais.

A Praça da Saudade é lembrada pelos entrevistados, A Praça da Saudade foi inaugurada em 1865 e inicialmente era conhecida como Largo da Saudade. Seus limites eram desde o antigo cemitério velho chamado de São José (nome também do primeiro bairro de Manaus) – localizado onde atualmente é a sede do Atlético Rio Negro Clube até o Instituto de Educação do Amazonas (local onde seria construído o palácio do governo). Um dado curioso da praça registra que na época do governo provincial do Presidente Francisco José Furtado em 1858, o cemitério foi cercado e a praça não

passava de um largo com pouca arborização. Então em 1865, foi proposta pela Câmara Municipal a construção da praça e a proposta de se oficializar o nome de praça da Saudade. Como podemos ver na figura 14.

la muito à Praça da Saudade, na Praça do congresso, na São Sebastião. Agora a Praça da Saudade ficou feia mudaram o jeito que ela era antigamente era mais bonita, tiraram os brinquedos. O que faltou foi o chafariz tinha uma estatua era bem mais bonita. (Entrevistado N.25).



Figura 14: Batizada pelo povo de Saudade, assim é conhecida e assim ficará para sempre embora seu nome oficial, em Lei aprovada mudasse para Praça 5 de Setembro. Foto: acervo do jornal do comercio. 1865.

Outra praça que a aparece é a Praça São Sebastião. E outra Praça que foi relacionada com a igreja São Sebastião. Ver imagem 15. Importantes monumentos históricos. O Monumento de Abertura dos Portos, localizado bem no meio do Largo e rodeado por árvores, foi erguido em homenagem à abertura dos portos do Brasil para o comércio com outros países além de Portugal.



Figura 15: Largo São Sebastião ao seu lado direito, encontramos o monumento que dá nome ao Largo, a Igreja de São Sebastião. Construída em pedras em estilo medieval.
Foto: Acervo Jornal do Comercio.

Os entrevistados frequentavam as missas e depois iam passear conversar na praça,

Quando eu era mocinha cuidava dos filhos de um professor, todas as tardes levava as crianças para brincar na Praça, morava bem perto por isso ia todos os dias. (entrevistado N 19).

As praças no geral eram bem frequentadas pelas famílias que saiam para conversar, ou levavam as crianças para brincas os jovens iam namorar.

Os clubes que surgem nas falas dos entrevistados são o Rio Negro frequentado pela elite local da época. Ver figura 16. Antes o antigo cemitério São José que foi desativado em 1865 por conta do Cólera, hoje é a sede do Rio Negro Clube.



Figura 16: Atlético Rio negro Clube.
Foto: acervo acrítica.

Os entrevistados relatam sobre o Rio Negro Clube,

O rio negro clube geralmente frequentado pela elite.: O rio negro não cheguei a frequentar só entrava barão. Como não era barão. Ate hoje nunca entrei. Na época diziam que quem jogava futebol no rio negro entrava pela porta dos fundos.(Entrevistado N.3 E n.04)

As festas de carnaval que ocorriam no Rio Negro dentro só participavam os sócios,

As festas de carnaval no Rio Negro, só participavam os associados nos ficávamos na rua esperando a banda sair. (Entrevistado N. 26).

Dentre os entrevistados alguns frequentavam como fala a entrevistada N.05, que relata que gostava de frequentar o Rio Negro, quando vinha cantores de fora.

Os outro clubes que surgem nas falas são:

O salão azul Gonçalo no Educandos, nostalgia na Cachoeirinha. Tinha outros clubes: eu adorava sair para dançar, ate fugia gostava do fart, Guanabara, parque amazonense. (Entrevistado 23 e 33).

Além dos clubes que os entrevistados gostavam de frequentar para dançar, tinha os cinemas da época o cine avenida, o Guarany, o Odeon, Polytheama, os entrevistados gostavam de frequentar os cinemas de rua existentes na cidade. Ver Figura 17.

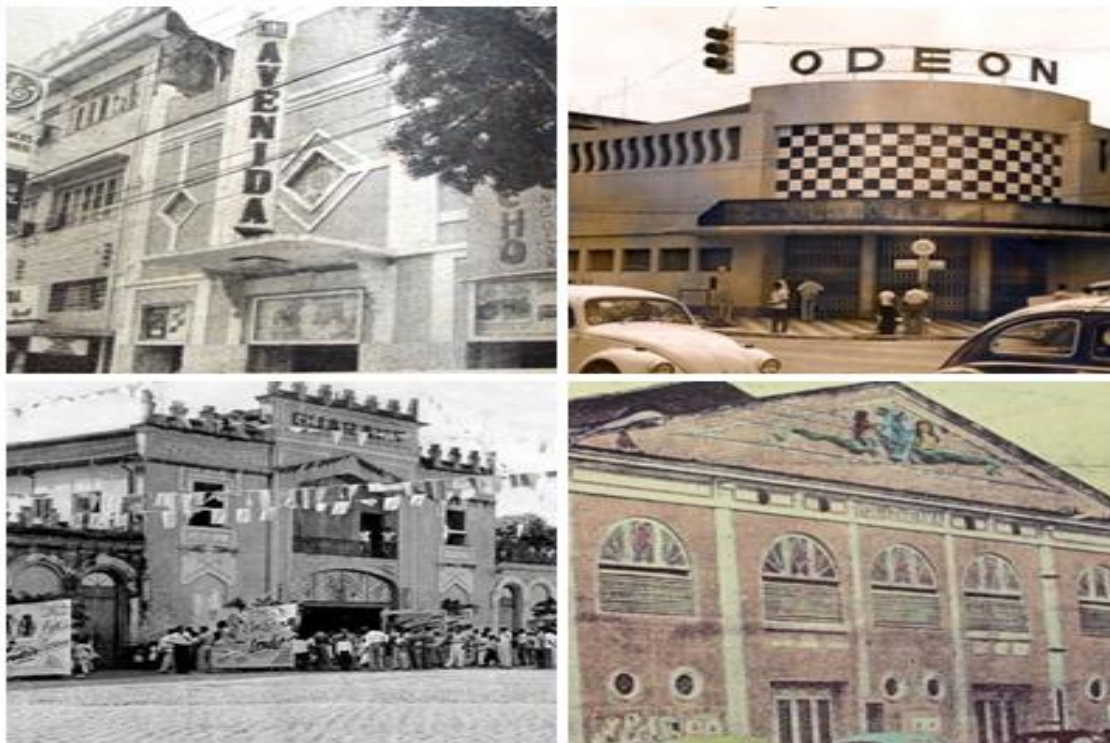


Figura 17: Cinemas de Manaus
Foto: acervo jornal do comercio

Os cinemas que os entrevistados costumavam frequentar,

Hoje eu frequento o centro, Antes eu gostava do cinema hoje só tem porcaria no cinema, essa porcaria dessas novelas. Agente ia para o cinema, agente gostava do cinema ia para o cine avenida, o cine polytheama, o cine edem, o cine guarani, tinha aqueles seriados do super homem do homem aranha aquelas coisas todo domingo estava La, era diversão também. Para mim o melhor cinema era o Odeom tinha a boate às companhias vinham de fora. Agora ninguém vai mais no cinema, tem que ser no shopping a noite.(Entrevistado N.06).

O teatro Amazonas foi pouco frequentado pelos entrevistados, mas comentam que é considerado cartão postal da cidade herança do período da borracha. Ver figura 18.



Figura 18: Teatro Amazonas. Localizado no Largo São Sebastião, zona central de Manaus, começa em 1881, quando o Deputado A. J. Fernandes Júnior apresentou projeto para a construção de um teatro em alvenaria, na capital do Amazonas, ideia logo aprovada pela Assembleia Provincial do Amazonas. Nessa época, Manaus vivia o auge do Ciclo da Borracha. Era uma das cidades mais prósperas do Brasil, embalada pela riqueza originada do látex da seringueira, produto altamente valorizado pelas indústrias europeias e americanas. Foto: acervo acrílica. 1883.

Todos conhecem o Teatro Amazonas, mas poucos entrevistados frequentaram o teatro Amazonas na infância e adolescência,

Quando menina nunca entrei no teatro Amazonas, só vim conhecer na terceira idade. Frequentava o teatro. O entrevistado N.4 só conhece o teatro em 1966 porque participei da reforma. (Entrevistado N.15 e N.04).

A partir das entrevistas surgem comentários sobre os poucos crimes que ocorreram na cidade. São conhecidos segundo alguns entrevistados como os crimes que abalaram Manaus antiga são “suicídio” de Eduardo Ribeiro (1900); a morte da “santa” Etelvina (1901) e o caso Delmo Pereira (1952).

Sobre o “suicídio” de Eduardo Ribeiro, que foi Governador do estado do Amazonas.

Segundo o entrevistado N. 08 conforme os meus pais contavam teve a morte do Eduardo Ribeiro ele era governador, que teve repercussão nacional, dizem na época que ele foi envenenado. Entrevistado N. 20 Minha mãe dizia que Eduardo Ribeiro era negro, e que fez muitas melhorias na cidade, mas ele tinha problemas.

No ano seguinte outro crime é relatado pelos entrevistados, foi à morte de Etelvina, chamada por alguns de Santa através de relatos que aparecia para as pessoas, esse crime ficou conhecido em todo Brasil,

As pessoas contavam na minha época de mocinha que foi um crime brutal, que ficou conhecido de uma moça que se apaixonou e rompeu com o noivo. Diziam que ela tinha três namorados, ele assassinou todos ate a moça. (Entrevistado N.27).

Os entrevistados não eram nascidos quando Eduardo Ribeiro se suicidou, e nem quando da “Santa” Etelvina foi assassinada, mas fizeram alguns comentários, já que foram acontecimentos de uma grande repercussão na época. O que a maioria dos entrevistados comentou foi o Caso Delmo que ocorreu em 1952, já que os entrevistados viveram esse momento. Ver Figura 19.



Figura 19: Caso Delmo. No dia 4 de abril de 1953, a revista semanal O Cruzeiro, publicava a matéria “27 Homens nos Bancos dos Réus”, com texto de Weselys Braga e fotos de Óscar Ramos e Flávio Damm
Foto: acervo jornal do comercio. 1953.

O caso Delmo foi um crime de grande repercussão na época,

O Delmo era filho do dono da serraria ele estava acostumado a pegar o dinheiro do pai, ele foi na serraria pegar o dinheiro e o vigia não deixou ele entrar,então ele bateu no vigia e entrou. Quando saiu pegou o táxi e depois matou o taxista. Ele foi em casa e contou para o pai o que fez. Mas o vigia contou tudo para a policia. Os taxistas

revoltados com a morte do amigo pegaram o Delmo e mataram.(Entrevistado N.15).

Esse foi um dos crimes que abalaram a cidade que era bem pequena, teve cerca de 57 taxistas envolvidos e 27 taxista condenados. Segundo os entrevistados a cidade sempre foi tranquila muito difícil acontecer crimes como esse.Segundo o entrevistado N.3

Não tinha violência o que se fazia era tomar cachaça e fumar. Onde tinha uma pessoa fumando o dirigio (droga utilizada na época), todos se afastavam. O Crime mais conhecido foi o caso Delmo. A cidade era tão calma que dormíamos com as portas e janelas abertas e nada acontecia. (Entrevistados N.3 e N.07)

Conforme os entrevistados era possível andar qualquer horário nas ruas e nada acontecia,

Manaus era uma cidade pacata calma você não via falar violência você saia de casa era calmo, você ficava em casa,hoje você sai e não sabe se volta, ate mesmo dentro de casa ninguém tem mais tranquilidade tem que ficar sempre trancado. (Entrevistado N.5)

Os entrevistados brincavam na rua conversavam a noite e nada acontecia,

Brincava na rua com candieiro e não tinha problema. Saia a pé de madrugada para bater papo, tomar mingau, comer farinha com as amigas.Manaus era uma cidade tranquila andava a noite com para casa das minha amigas e nada acontecia, hoje não posso fazer mais isso.(Entrevistado N.08 e 10).

Segundo o entrevistado N. 36: no meu tempo eu conhecia os bairros por nome. Não se falava em galera, não sabia se existia bebida, cigarro. Dormíamos com as portas abertas. Confirma a entrevistada N.06,

Eu não saio mais de noite. Antes nos dormia na casa dos nossos pais com as portas abertas, não tinha cadeado, nos sentavamos na calçada para conversar com as colegas chamavam, fazia um lanche uma trazia bolacha outra trazia o refrigerante para conversar, hoje você não ver mas ninguém sentado na calçada, tanta violência você passa assim. Eu não gosto de Sair de noite só se for muito obrigada , eu tenho carro não gosto de sair de noite , se quiser me convidar não me convide para nada de noite .Só durante o dia. Eu tenho muito medo de andar de noite.

Através de suas lembranças surge a História de uma cidade pequena com cerca de cinco bairros, uma cidade tranquila de forma harmoniosa com desigualdades sociais, mas uma cidade boa de para se morar.

Os bairros que se tinha antes eram os bairros cachoeirinha, educandos, são Raimundo, aparecida. Os bairros eram o educandos – cachoeirinha- Betânia – São Jorge e são Raimundo. O primeiro Bairro de Educandos era considerado periferia da cidade com as suas palafitas.(Entrevistados N. 04 e N.03)

Pela quantidade de bairros percebemos como a cidade era pequena. Segundo o entrevistado N.07,

Manaus tinha poucos bairros: Educandos, são Raimundo, Glória e Compensa estavam iniciando, nessa época só tinha dois prédios um na beira do rio e outro na matriz tinha poucos carros. Eu sou um dos primeiros moradores da compensa, eu tomava banho, pescava, tirava buriti. Hoje se colocar as mãos no igarapé os dedos caem.

Os velhos descrevem os bairros mais antigos da cidade,

Olha a cidade era menor, eu conhecia o centro a cachoeirinha, a praça 14,os mais próximos ainda não existia esse negocio de zona leste era mais os bairros ao redor do centro. Conhecia toda a cidade naquele tempo não tinha muitos bairros,o educandos já é velho e antigo viu. A Cachoeirinha também até hoje está na história. Naquele tempo nem existia a Betânia era só mato. Era bem pequena a cidade. Japiim era mato. Uma época eu menina acho que tinha uns 12 anos o avião caiu na mata serrada. O pessoal entrou por dentro do mato para ver onde o avião tinha caído. O povo tirava tucumã e faziam carvão no japiim. (Entrevistado N.05 e N.26).

Os bairros eram conhecidos por algumas das atividades desenvolvidas neles como o matadouro que ficava no bairro da Glória (Ver figura 17) as catraias do São Raimundo (Ver figura 20).

O Matadouro do Bairro da Glória aparece nas narrativas como no diz o entrevistado n.30. O matadouro ficava no bairro da glória bem perto do igarapé você precisava vê ele matavam o bicho dentro do igarapé.



Figura 20 : Matadouro do bairro da glória. Construído no ano de 1912, foi instalado no bairro dando origem ao primeiro nome à comunidade "matadouro". A área, como ainda não era habitada, serviu para habitação dos operários destas indústrias, que passaram a morar próximo ao emprego. Esse registro é do ano de 1953 e foi fotografado no período da cheia dos rios. Em forma de mutirão, os comunitários ergueram a igreja de Nossa Senhora da Glória e, em homenagem à santa, o bairro passou a se chamar Glória.

Foto : acervo Jornal do Comércio.1914.

As Catraias do são Raimundo eram utilizadas pelas pessoas, já que a construção da Ponte que liga o bairro do São Raimundo ao centro só foi construída posteriormente, então a forma de transporte utilizado para se ter acesso são as catraias. Ver Figura 21.



Figura 21: As catraias do São Raimundo. A Catraia era uma forte canoa, impulsionada por dois vigorosos remos; era um meio de transporte muito utilizada pelos manauenses, principalmente no período das cheias dos rios - durante as vazantes, os catraieiros construíam pequenas pontes de madeira que cruzavam os igarapés do São Raimundo, Glória e Educandos, agora reduzidos a uma pequena tira de água, e continuava a cobrar dos transeuntes a travessia.

Foto : acervo Jornal do Comércio, 1953

O primeiro aeroporto foi o da ponta pelada. Ver Figura 22.



Figura 22: Aeroporto Ponta Pelada.

Foto : acervo Jornal do Comércio, 1950.

Entrevistado N.9: O aeroporto da cidade era o Ponta Pelada e tinha aviões que pousavam na água. Na época sair de Manaus para o rio de janeiro a viagem durava 13 horas. As empresas que funcionavam era: Cruzeiro do Sul, Varig e Nacional.

Depois do aeroporto Ponta Pelada o segundo foi o aeroporto Eduardo Gomes que funciona ate hoje.

Às vezes levava para passear no aeroporto no Eduardo Gomes, antes do aeroporto Eduardo Gomes que é o atual tinha A Ponta Pelada que foi o primeiro aeroporto da cidade. A cidade não tinha shopping então íamos passear no aeroporto (Entrevistado N.05).



Figura 23: Aeroporto Ponta Pelada. AERÓDROMO DE PONTA PELADA 1950. Vê-se um DC-3 da Panair do Brasil sendo abastecido por um caminhão tanque da Texaco. Ao lado um Dodge dos anos 50 de cor clara e um caminhão de cargas. O vôo é identificado como Manaus-Rio. Na época o prédio do Aeroporto da Ponta Pelada era um casarão de madeira e os passageiros eram transportados até ao avião em um carro Jeep ou o passageiro deveria caminhar.

Foto : acervo Jornal do Comércio,1950.

Muitas são as lembranças guardadas na Memória dos velhos entrevistados sobre os antigos balneários da cidade com a sua água limpa e gelada, que ficavam afastados do centro da cidade.

Os balneários que existiam na cidade era o do tarumã, o da Ponte da Bolívia e o do Parque 10, sendo o balneário do parque 10 era frequentado por quem tinha dinheiro só ia gente fina. Geralmente os balneários da cidade eles ficavam afastados no meio da mata. Tinha o Balneário do Parque 10, a cachoeira do Tarumã, a praia do São Raimundo e a Ponte da Bolívia.(Entrevistado N.5 e N. 18).

O Balneário do parque 10 era frequentado pela elite da cidade. Ver figura 24.



Figura 24: Balneário do Parque 10. O balneário Parque Dez de Novembro foi construído na administração do engenheiro-agrônomo Antônio Botelho Maia, quando Prefeito Municipal de Manaus, de 1937 a 1940, período em que o nosso Estado esteve sob a intervenção de seu irmão, Álvaro Botelho Maia.
Foto: acervo jornal do comercio.1940.

O balneário do Parque 10 era conhecido pela comida que era boa e cara.

Frequentava o Balneário do Parque 10 era o melhor banho a comida era boa e cara. O balneário era bem frequentado. As pessoas iam com os seus familiares e amigos. O balneário que existia era o parque 10 que hoje acabou que agora é UEA.(Entrevistado N.08 e N.06).

A Ponte da Bolívia era considerada outro Balneário frequentado pelos entrevistados,

A Ponte da Bolívia bem rápido de ônibus, geralmente ia com a minha família. Era o nosso lazer no final de semana.É uma pena que hoje esta poluido (Entrevistado N. 04)

A Ponte da Bolívia ficava afastado do centro da cidade. Ver Figura 25.

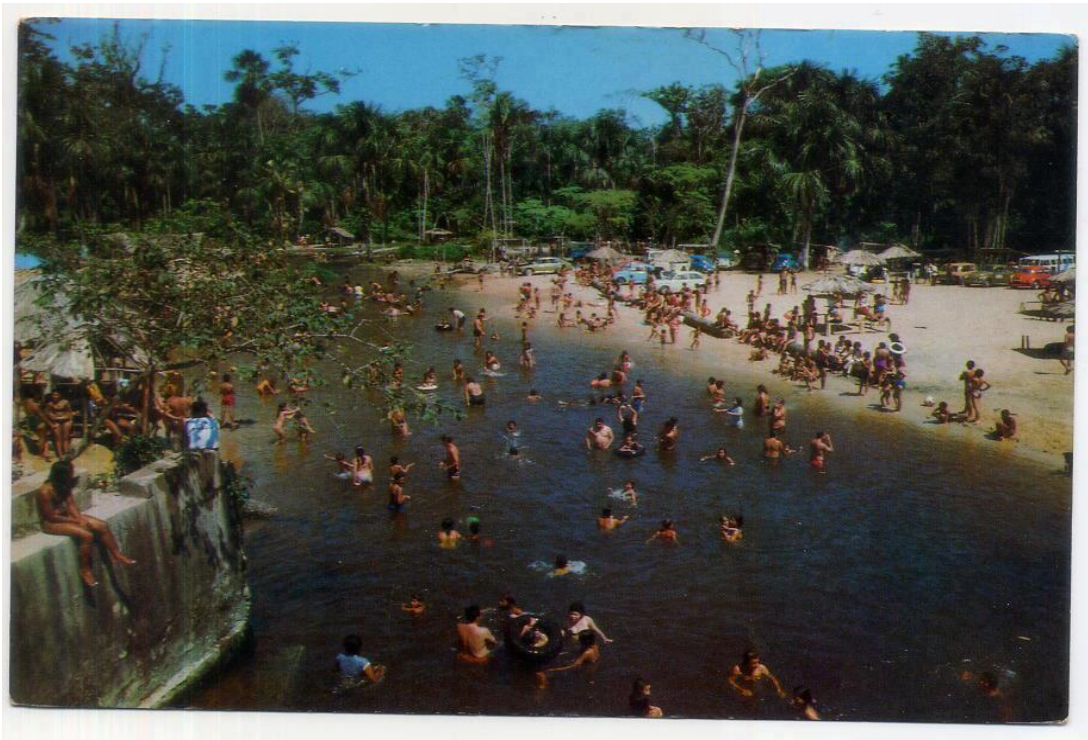


Figura 25 : Ponte da Bolívia. Esse é o balneário de Manaus hoje está poluído.
Foto: acervo jornal do comercio,1979.

A cachoeira do Tarumã era excelente para que quisesse ficar em contato com a natureza ficava afastado do centro da cidade. Ver figura 26. No final da década de 60 e início dos anos setenta, tornou-se o Balneário preferido por aqueles que gostam de ausentar-se do perímetro urbano nos fins de semana. O Balneário é conhecido e frequentado desde o século XIX, suas águas frescas e cachoeira atraíram durante décadas milhares de pessoas. A exemplo de outros logradouros, apesar de estar mais distante da cidade, enfrenta sérios problemas de poluição, estando em muitas partes totalmente impróprio ao uso.

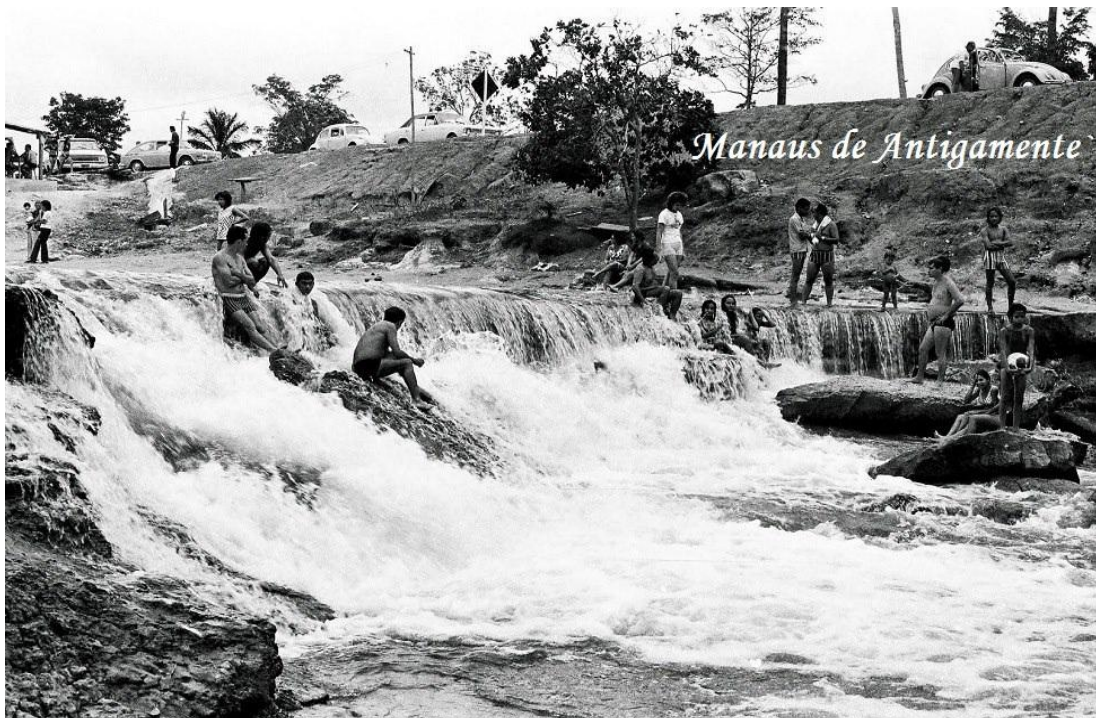


Figura 26: A cachoeira do Tarumã.
Foto: acervo Jornal do Comercio,1963.

O velho lembra-se da juventude quando frequentava a Cachoeira do Tarumã.

No meu tempo de juventude frequentava a Cachoeira do Tarumã, ficava afastada da cidade ia com a minha família a água era limpa e gelada. Hoje não tem mais está tudo poluído. (Entrevistado N18)

Outros Balneários que aparecem são a praia do São Raimundo, os Balneários da Verônica e da Iracema,

A beirada do são Raimundo não tinha essa sujeira que tem hoje, antes tomávamos banho. Tinha dois Balneários que eu frequentava muito era o balneário da Verônica que ficava onde hoje e o Milenium e outro era, o balneário da Iracema que ficava na rodoviária. (entrevistado N.26)

Os velhos lembram com muita saudade dos balneários da cidade,

Tinha a Cachoeira do Tarumã, a Ponte da Bolívia, o parque 10, todos eram balneários limpos e bonitos, hoje acabou tudo . Gostava antes da ponta negra porque eu frequentava hoje eu não frequento mais nenhum balneário. Agora eu só frequento aqui, já estou aqui com quatro anos. Não tenho, mas não tenho aquela vontade de andar por ai .(Entrevistado N.10).

A Ponta Negra fica a cerca de 13 km do centro da cidade, situada a margem do Rio negro. Que com o passar do tempo a sua paisagem sofreu transformações. Os entrevistados lembram-se da praia como iniciou: uma praia pequena distante do centro da cidade, que no inicio poucos tinham acesso só quem tinha carro, ou uma embarcação conseguia frequentar. Ver imagem 27.

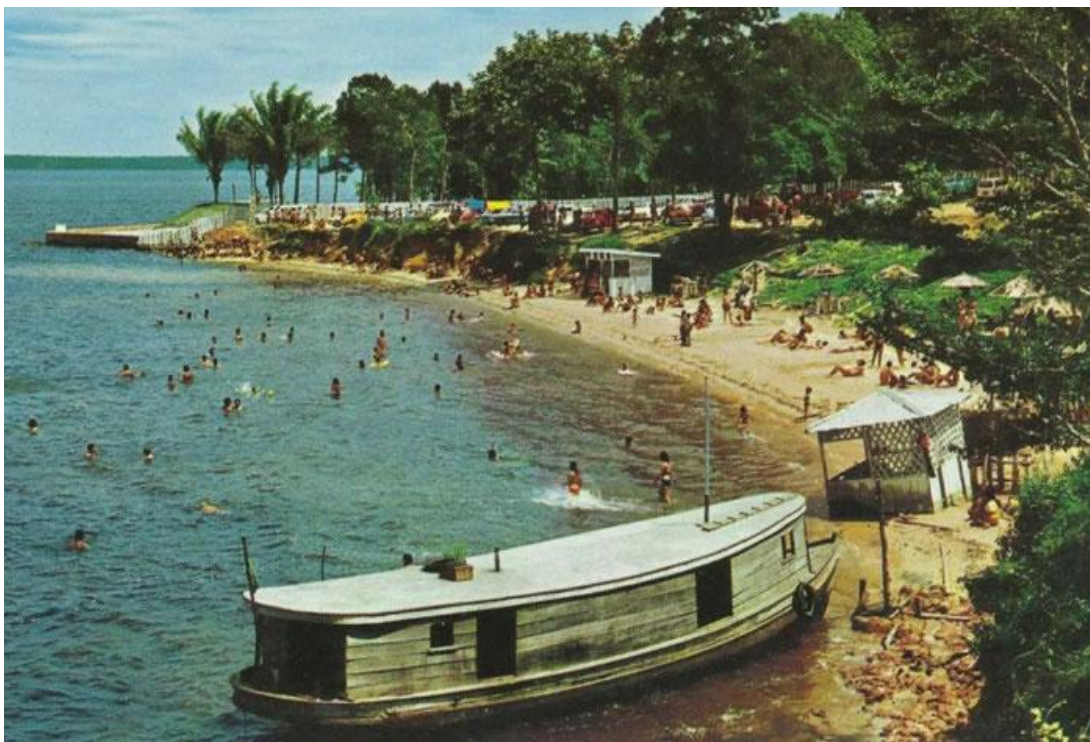


Figura 27: Praia da Ponta Negra, antes da construção do tropical hotel.
Foto: acervo acrítica.

Através das narrativas sobre a praia da Ponta Negra nos mostra uma descrição de como ela era,

Em 1952 já existia a Ponta Negra, mas o local era deserto. Frequentei muito a Ponta Negra em 1984, gostava muito ficava perto da natureza, mesmo tendo medo da água escura. (Entrevistado N.02 e N.03)

Os entrevistados possuíam uma relação com a natureza da praia,

A Ponta Negra foi criada pela natureza, era bom podíamos levar comida. Muitos jovens faziam piquenique, as pessoas saiam do colégio para namorar na ponta negra. Gostava tanto da ponta negra de antes, era muito bonita, me sentia perto da natureza.(Entrevistado N.04).

Os entrevistados fazem comparação da Praia de hoje com a praia no passado. Onde podemos observar que as mudanças de paisagens dividem opiniões,

Eu gostava muito de frequentar a Ponta Negra, sempre existiu só não era bonita como é hoje era bem simples era a praia. Não tinha o calçadão que se tem hoje nem o anfiteatro. Antes eu frequentava mais hoje eu não frequento. Antes a Ponta Negra era uma praiazinha de nada hoje está modificada. Quando eu era mocinha a Ponta Negra era uma agora é hoje é outra é centro turístico. Esta bem melhor do que era. Bem, melhor por um lado, porque esta tendo muito acidente, isso mudou antes era bem mais calmo. (Entrevistado N.05 e N.06).

A praia fez parte da juventude dos entrevistados que a descrevem a partir de suas narrativas e nos mostram a sua relação com o lugar,

Naquela época era muito legal eu pegava o jipe e saía para namorar. Passava de dois dias na Ponta Negra, com as barracas de madeira sentia o cheiro de bebida e com as namoradas foi uma experiência muito boa. A ponta negra naquela época era algo cru como um diamante que faltava ser lapidado, mas era bom porque tinha mato à praia era pequena. (Entrevistado N.20).

O Entrevistado N.08 nos disse que a Ponta Negra começou a se “desenvolver” com após a construção do tropical hotel, e posteriormente com os condomínios que surgem na área, confirma o entrevistado,

A ponta negra só vai mudar com a construção do tropical hotel, e posteriormente com a construção dos condomínios onde a elite da cidade foi morar, a ponta negra passou por várias reformas que a modificaram, as últimas modificações foram feitas por causa da copa.

A praia da ponta negra teve várias modificações na sua paisagem ao longo dos anos como podemos visualizar na Figura 28, que os entrevistados viveram e estabeleceram relações com as suas mudanças, para alguns foi bom para outros não.



Figura 28: Praia da Ponta Negra
Foto: a crítica, 2014.

Ficou bem claro que os entrevistados conheciam toda cidade na sua época, mais sempre relacionam o passado com o presente, antes era pequena e calma, hoje grande e violenta. Esse crescimento ocorre com a chegada da Zona Franca de Manaus. Onde os entrevistados falam com orgulho da cidade de hoje e com muita saudade da cidade pequena que ficou no passado. Ver Figura 29.



Figura 29: Zona Franca De Manaus – Futuras instalações do Distrito Industrial.
Foto: acervo acrítica, 1967.

Manaus passou por mudanças com a chegada da Zona Franca de Manaus, os entrevistados relatam que depois da chegada do distrito industrial a cidade não foi mais a mesma, vieram mais pessoas, de outros estados e a ate mesmo do interior do estado do Amazonas, acabou com tudo, com os igarapés, os balneários, ate mesmo com a paz. Mas os entrevistados acham que o progresso para a cidade também foi importante como um entrevistado nos disse, eu gosto de me sentir moderno e atualizado, mas gostava da cidade na minha época de jovem, onde não tinha violência, não tínhamos que ficar trancados dentro de casa como ficamos hoje. Podemos identificar esse processo através das narrativas a seguir:

Entrevistado N. 02: Com a chegada da Zona Franca de Manaus, a cidade cresceu muito , ficou mais violenta. Entrevistado 03: Quando veio a zona franca de Manaus a cidade começou a mudar rapidamente. Manaus cresceu sem nenhuma direção. O igarapé dos 40 antes eu tomava banho, Hoje é um bairro para você perceber como a cidade cresceu. (Entrevistados N.02 e N.03).

O envelhecimento deve ser visto como uma proposta de vida, como meta, como desafio para o individuo enquanto agente de transformação social, e para a sociedade no sentido de reconhecer e usufruir das experiências vividas. Investigar os velhos nos permitiu através do conhecimento da vida real a história da cidade de Manaus. Os relatos dos entrevistados são importantes, que mesmo sendo da memória de poucos indivíduos relata a História e a organização tal como ela era e tal como ela é.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o velho permite desmitificar uma série de conceitos elaborados e avaliar as suas reais condições de vida nos espaços de convivência social. A transição demográfica provoca uma mudança na estrutura etária brasileira, e o mesmo está ocorrendo com a cidade de Manaus, então o trabalho tem grande significado onde através das falas surgiram vários assuntos relacionados à cidade de Hoje que não é mas a mesma cidade de antes. E nos mostra que a cidade não está ainda preparada para receber uma população de velhos. Entrevistas que por mais tenham participado da pesquisa um grupo de quarenta velhos conseguimos construir a História da Cidade de Manaus através de sua memória e percepção, com as suas lembranças passadas dos lugares vividos.

Podemos através desta pesquisa com velhos, ter um contato com a vida real de cada entrevistado o que nos dá suporte para fazer reflexões sobre como é viver na cidade de hoje em uma fase da vida que precisa de uma atenção maior. Pensamos que essa parcela da população como todo merece qualidade de vida, onde precisamos de mais programas e políticas sociais voltadas para os velhos que os realizem como seres humanos.

Conhecendo como os velhos vivem e viveram na cidade, como foram as suas experiências na sua vida cotidiana. Temos que refletir a condição do velho da cidade de Manaus, identificar as variáveis que interferem na sua qualidade de vida, e com isso possibilitar uma vida tranquila no processo do envelhecimento. Envelhecer mexe com o psicológico dos entrevistados, que não podem fazer já as mesmas atividades de antes tem que se adaptar, onde não é uma das tarefas mais fáceis.

Construímos a cidade sob as lembranças passadas dos velhos através da sua memória e percepção, que nos apresentaram diversos pontos, alguns parecidos, mas com percepções diferenciadas. Como diz Yi – Fu Tuam (2012, p.6) que dois indivíduos podem conhecer o mesmo lugar, mas vão ter percepções diferentes. Analisamos cada lembrança passada considerando que estes traduzem a cidade como o velho vê, sendo uma característica de interpretação do lugar. O velho vive a cidade hoje, com saudade do seu

passado. Alguns falaram que somos filhos de Manaus, gosto muito da minha cidade, pena que não posso mais sair como antes, nem sempre somos respeitados no ônibus, nas ruas somos alvos fáceis de bandidos temos que esconder o dinheiro, antes saía despreocupada de casa, circulava pela cidade e nada acontecia hoje eu saio de casa com a preocupação se não sei se volto. Hoje a cidade, mudou melhorou o progresso faz parte, me sinto moderno e atualizado, o que eu não gosto é da nossa legislação que não é cumprida, sabe na minha juventude eu vivi em Manaus com as portas abertas, ficávamos na frente de casa conversando, hoje moro em uma casa cheia de grades que não posso ficar na frente conversando, me sinto preso.

Com relação à locomoção o entrevistados sem dúvida diminuíram a maneira que circulam pela cidade, por diversos motivos, a aptidões físicas que diminuíram, as doenças que surgem na velhice, boa parte dos entrevistados, frequentam mais o médico, e o Centro Estadual do Idosos- Aparecida.

Através das narrativas os entrevistados acham uma boa iniciativa do Governo a criação dos centros do Idoso, onde eles podem se reunir e fazer atividades com as pessoas da mesma idade, os entrevistados em sua maioria não frequentam somente o centro Estadual do Idoso Aparecida, eles frequentam outros, como o da Cidade Nova, o do Japiim. Uns frequentam por gostam, outros por indicação do médico. Todos comentaram de forma positiva sobre o atendimento dos Centros e Parque do Idoso, como falaram nos temos um lugar voltado para a nossa idade, não é que não gostamos dos mais novos, mas não é bom desenvolver atividades com eles, são muito rápidos, o nosso raciocínio e mais lento.

Quando perguntamos dos entrevistados o que poderia melhorar na cidade para a sua acessibilidade, eles responderam que para eles não tem muito que mudar, já que estão no final da vida, e respondem pensando nos seus filhos e netos. Ficou evidente que os entrevistados não fazem mais projetos em longo prazo, a morte se torna cada vez mais presente.

O fator que dificulta a sua locomoção é a violência, a falta de punição, e o respeito.

A cidade não esta prepara para receber uma população envelhecida, já que precisamos de segurança, de transporte de qualidade, calçadas nas ruas e respeito para com velho.

Devido à vida que tinha no passado as relações dos entrevistados com a cidade eram diferente da correria do dia – a – dia das cidades grandes. Desta maneira o espaço urbano se torna palco de conflitos sociais,culturais, econômicos, ocasionando certas mudanças na relação com entrevistados, que presenciaram as transformações que ocorreram na cidade, e ficou bem evidente que a sua relação com a mesma mudou. A cidade antes era pequena, se conhecia toda e hoje é maior, não se conhece mais,as atividades econômicas mudaram, as relações com o ambiente também, não se tem mais os igarapés com água limpa perto de casa, hoje está poluído, se quer ir para um balneário tem que percorrer uma distancia maior.

A geografia da percepção faz uso das experienciais do homem e das relações de afetividade que estes tem com o espaço vivido, espaço com significações para quem o habita, valorizando a experiência de cada um como fonte de compreensão da realidade do velho, e como forma de mudá-la (ROCHE,2012, p.24).

A pesquisa buscou contribuir para que essa parcela da população tenha uma mobilidade melhor na cidade em que cresceu e que por mais que se tenha problemas urbanos graves ama a sua cidade. Então existe uma cidade ideal para o velho? No ponto de vista geral deve ser acessível a todas as idades, inclusive para os velhos. Onde tem que melhorar os

O lugar aqui ganhou significado, com valores e sentimentos do velho que habita e habitou a cidade, onde caracterizado como espaço vivido. Espaço das relações humanas, resgatando a afetividade dos velhos com o lugar. Conforme Yi-Fu Tuam (2012,p.198) “lugar é um mundo de significado organizado, que se organiza de acordo de que percebe e experiência”, relacionado ao espaço vivido. Esse espaço vivido que para Relph (1979,P.7) pode ser apresentado sob três aspectos: natural, social ou cultural e geográfico. O mundo vivido natural esta pré – determinado, formas, coisas pessoas possuem modos diferentes e sentimentos. O mundo vivido social ou cultural é constituído pelos humanos , seus interesses, seu cotidiano. O mundo vivido Geográfico é formado pelo mundo natural e construído pelo homem que “ provê o seu sustento e moldura para existência”. O mundo vivido vai ser caracterizado pelos espaços, paisagens, lugares que através de uma vida cotidiana se faz. Esse mundo vivido pode ser representado através da relações

cotidianas que o velho possui e possuiu com a cidade. Representado através de suas entrevistas onde surgem as percepções de complexos de imagens que as pessoas fazem de seu entorno.

A Topofilia significa um laço de afetividade do indivíduo com o lugar, já a Topofobia significa todo tipo de relação negativa que o indivíduo tem com o lugar, onde surge o medo. Acredita Yi- Fu Tuam, (2012p. 102), que duas pessoas nunca veem um lugar da mesma maneira, cada um possui uma sensação única, Onde o indivíduo pode ter uma relação topofilica com o lugar, sendo que a mesma pode ter uma relação tobofóbica com o mesmo lugar, ocorre de acordo com as experiências que surgem no local.

A Topofilia e a Topofobia aparecem no desenrolar da pesquisa. Relacionadas aos sentimentos que os velhos possuem com a cidade. Segundo Yi – Fu Tuam, (2012 p, 144), em seu livro Topofilia, uma pessoa investe parte de sua vida emocional em seu lar e em seu bairro. Observa-se nas pessoas velhas, uma relutância de abandonar o seu velho bairro por outras casas novas. O sujeitos da pesquisa demonstraram um sentimento afetivo pelo bairro, da casa onde mora atualmente. E pensa bastante sobre sair de casa, deixar os bairro suas coisas para morar na casa de filhos. Nas palavras de Yi – Fu Tuam, (2012 p, 144), A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. Esse amor e a saudade do lar são motivos dominantes que aparecem constantemente.

De acordo com Yi- Fu Tuam, (2012,145), a História é responsável pelo amor a terra natal. Assume uma forma humana, a relação com a família, com seus pais e irmão e com suas mães e irmãs. Apresentam-se nas falas os lugares relacionados com a família.

Os velhos na sua juventude circulavam mais pela cidade, e que a renda, o nível de escolaridade e o sexo, influenciam nos lugares que eram frequentados. Hoje os velhos passam a circular menos devido à diminuição de suas aptidões físicas, os lugares da cidade que mais frequentam são: O médico, os Centros do Idoso e a casa dos familiares. Alguns comentaram que saem menos com medo da violência existente na cidade. Isso ocorre porque a cidade deixou de ser acessível.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosangela Doin e PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 6ª edição São Paulo: Contexto, 1998.

BAZE, Abraim. **Nas curvas do tempo**. 1ª edição Manaus:Academia Amazonense de Letras,2011.

BEAUVIOR, Simone de. **A velhice**. (Trad.) Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difel,1976.

BOBBIO, Noberto. **O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos**. (trad.) Daniela Versiani. Rio de Janeiro :Campus,1997.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade, Lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2006.

CLAVAL, Paul. **O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana**. In: ROSENDAHL, Zeny, CORREA, Roberto Lobato (org.). Matizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2001. p. 35-86.

CLAVAL, Paul. **As Abordagens da Geografia Cultural**. In: Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As características da nova **geografia**. In **Perspectivas da geografia**. 2ed. São Paulo: Difel, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista – sua Trajetória de 1950 a 1990**.

Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ/PPGG, 1992.

HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia Humanista**. Revista Território, Rio de Janeiro, v.7, nº 7, p.67-78, jul/dez.1999. Disponível em :<http://l46.164.23.131/pdf/N07_holzer.pdf.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Revista projeto História, SP, n. 17, 1998.

LOUREIRO, Antônio. **Resenha Histórica**. In Manaó. CD ROM, edição Aniversário, Manaus :2001.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Geografia Humanista: A perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 52, no 04, p. 91-115, out/dez 1990.

NOGUEIRA, Amélia Regina B. **Mapa Mental: Recurso didático no ensino de Geografia no 1º**. Dissertação de mestrado.São Paulo:FFLCH/USP,1994.

NOGUEIRA, Amélia Regina B. Percepção e representação gráfica: **A “geograficidade nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo-São Paulo,2001.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar** In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.

NOGUEIRA, Amélia Regina B. **Uma interpretação fenomenológica em Geografia**. In: SILVA, Aldo A. Dantas da, GALENO, Alex (org.) **Geografia:**

Ciência do Complexus. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 209-236.

OLIVEIRA, Jaime. **Geografia Humanística e/ ou Geografia da Percepção.**

Acesso em: www.jaimeoliva.blogspot.com, 23 de maio de 2009.

OLIVEIRA, José Aldemir. **A Geografia do Centro e da Margem: a produção do espaço na periferia.** UFAM, 2002.

RELPH, Edward C. **As bases fenomenológicas da Geografia. Geografia.** v.4, n 7, 1-25, abril, 1979.

RIO Vicente Eduardo del Rio; Oliveira Livia de (Org.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira.** 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

TUAN, Yi-FU. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Trd. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.



ANEXO - A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO**



Questionário número: _____

Nome : _____ Idade: _____ Sexo: _____

Endereço: _____

_____ Bairro: _____ Zona: _____ Telefone: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

- 1- Qual nível educacional do idoso?
- 2- Qual a profissão?
- 3- Há quanto tempo você mora nesse bairro? Quais são as lembranças que você tem do bairro?
- 4- Há quanto tempo você mora na cidade de Manaus?
- 5- Onde você mora e casa própria ou alugada?
- 6- Quais lugares o senhor (a) frequentava na juventude?
- 7- Quais os lugares o senhor frequenta hoje em dia?
- 8- Quais os lugares da cidade que você mais gosta?
- 9- Relacione os lugares da cidade que você não gosta?
- 10- Se você pudesse mudar algo na cidade o que seria?